

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM FILOSOFIA

GILMAR DERENGOSKI

A TEORIA DO VALOR EM *O CAPITAL* DE MARX –
Análise das relações sociais no modo de produção capitalista

TOLEDO

2018

GILMAR DERENGOSKI

**A TEORIA DO VALOR EM *O CAPITAL DE MARX* –
Análise das relações sociais no modo de produção capitalista**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Filosofia do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia Moderna e Contemporânea.

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Prof. Dr. Jadir Antunes

TOLEDO

2018

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Derengoski, Gilmar

A teoria do valor em O Capital de Marx : Análise das relações sociais capitalistas / Gilmar Derengoski; orientador(a), Jadir Antunes, 2018.

91 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Toledo, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2018.

1. Filosofia. 2. Marx. 3. Valor. 4. Dinheiro. I. Antunes, Jadir . II. Título.



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

CAMPUS DE TOLEDO – CNPJ 78.680.337/0005-08

Rua da Faculdade, 645 – Jardim Santa Maria – Fone: (45) 3379-7000 – Fax: (45) 3379-7002 – CEP 85.903-000 Toledo – PR

www.unioeste.br



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

GILMAR DERENGOSKI

A TEORIA DO VALOR EM O CAPITAL DE MARX - ANÁLISE DAS RELAÇÕES SOCIAIS NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestre em Filosofia, área de concentração Filosofia Moderna e Contemporânea, linha de pesquisa Ética e Filosofia Política, aprovada pela seguinte banca examinadora:

Orientador(a) - Jadir Antunes

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Toledo (UNIOESTE)

Rosalvo Schütz

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Toledo (UNIOESTE)

Ricardo Pereira de Melo

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Toledo, 29 de agosto de 2018

*Este trabalho é dedicado postumamente
a minha querida mãe Antônia Karpinski
Derengoski.*

AGRADECIMENTOS

Ao pensar em como escrever palavras de agradecimento às pessoas que de alguma forma me ajudaram durante esse período em que me dediquei aos estudos relacionados ao mestrado, percebi que tudo só foi possível devido a uma construção que se iniciou muito antes desse período e acho de fundamental importância resgatar esses momentos e agradecer as pessoas que participaram de alguma forma dessa construção. Agradecer simplesmente por agradecer soa um tanto quanto superficial é imprescindível que o ato de agradecer esteja munido de algum sentido próprio, dessa forma, além de esboçar meus agradecimentos às pessoas que construírem essa trajetória junto comigo, descreverei um pouco de minha trajetória acadêmica e profissional, objetivando assim dar sentido às palavras que aqui ficaram registradas.

Minha trajetória acadêmica teve início com o meu ingresso no curso superior de administração de empresas da extinta Faculdade Vizinhança Vale do Iguaçu – VIZIVALI, da cidade de Dois Vizinhos no Paraná. Nos quatro anos em que estudei as principais teorias da administração e todos os conceitos que o cercam, acabei percebendo que os mesmos eram limitados e incompletos, engessados em sua própria superficialidade, o caráter estritamente empírico e causal bem como o estabelecimento prévio de objetivos acabava por limitar a espaço do ato de conhecer.

Nesse período, por mais que me esforçasse para compreender de forma aceitável e satisfatória os problemas mais relevantes da área em questão, o que se tornava realmente evidente e efetivo era a completa falta de comprometimento com a criação de soluções realmente eficazes para os mais variados problemas humanos encontrados nesse meio, o direcionamento da maioria dos estudos envolvia a geração de resultados financeiros, rendimento produtivo, qualidade e quantidade. As questões humanas, os seres humanos em si bem como suas mazelas só possuíam relevância nos estudos se de alguma forma estivessem atrelados com o atendimento dos objetivos financeiros das empresas no geral. Isso me frustrava muito, como desenvolvia minhas atividades profissionais em grande empresa de produção de alimentos, quanto mais eu estudava, mais eu percebia que o ser humano era tratado apenas como um apêndice, uma peça do mecanismo produtivo, uma parte da máquina sendo que muito pouco se produzia em termos de conhecimento para reverter tais situações, ou simplesmente melhora-las – muito pelo contrário, a criação de formas de explorar cada vez mais o ser humano é o que mais se evidenciava.

Uma das alternativas que encontrei para tentar fazer algo em função de tudo isso foi a de lecionar, dessa forma, ao concluir minha primeira graduação, iniciei meus estudos em uma pós-graduação *lato sensu* intitulada Gestão Estratégica de Negócios (na mesma instituição já citada) com o intuito de me aperfeiçoar e ter condições futuras para desempenhar as atividades de docência. Ao cursar as disciplinas da pós-graduação, conheci diversos professores excelentes, professores que a partir de suas aulas e de sua experiência de vida, me fizeram perceber que era possível se aprofundar em determinadas áreas do conhecimento de forma mais autônoma e específica, mas para isso era preciso seguir com os estudos, partir para a pesquisa *stricto sensu* em nível de mestrado, aumentando assim minhas possibilidades de pensar para além da mesmice que ali se apresentava.

Uma das disciplinas que cursei nesse período se chamava metodologia da pesquisa, ministrada pelo brilhante professor Jonas Grejjanin Pagno – Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Apesar de a disciplina ter um

cunho específico, a formação do professor fez com que eu tivesse meu primeiro contato direto com uma área do saber chamada de filosofia, percebi que a diferença entre um professor de humanas com os professores de ciências sociais aplicadas (nesse caso professores de administração) era gritante, o aprofundamento de conceitos e a preocupação com o ser humano enquanto ser social era muito mais eminente na área das ciências humanas.

Sou imensamente grato ao professor Jonas, por todos os ensinamentos e experiências proporcionadas e por me mostrar que é possível pensar humanamente mesmo em meios em que tudo gira em função de objetivos financeiros pré-estabelecidos, que é possível ser humano mesmo em um mundo tão desumano. Com o passar do tempo nos tornamos colegas de trabalho, viajamos muito juntos e nessas viagens, que por sinal eram ótimas, aprendi muito sobre filosofia e também sobre a profissão de professor, a ele deixo aqui meu mais sincero agradecimento.

Antes mesmo de concluir minha pós-graduação, passei a lecionar para os cursos de administração e sistemas de informação na mesma instituição na qual desenvolvi meus estudos e para o curso de administração da FAF – Faculdade da Fronteira. A experiência que vivi nos anos em que lecionei foi muito inspiradora, percebi que era possível fazer com que os alunos, por mais que sofressem com as imposições do mercado de trabalho e de suas profissões, fossem um pouco mais humanos, ou pelo menos pensassem de forma mais humana antes de tomar qualquer decisão. E foi a partir da imensa satisfação que tive em proporcionar tais experiências que descobri que a profissão que eu realmente gostaria de seguir era a de professor.

Gostaria aqui de deixar o meu mais sincero agradecimento ao meu professor de graduação, pós-graduação e coordenador do curso de administração no qual lecionei Joarês Tártari, por me dar a oportunidade de lecionar, mesmo sabendo que eu não possuía nenhuma experiência. Obrigado por confiar em mim e acreditar no meu potencial.

Nesse período, sofri a maior perda de minha vida, minha querida mãe acabou falecendo de forma repentina e inesperada com apenas quarenta e seis anos de idade, a dor perdura até hoje, jamais vou esquecer a expressão de felicidade em seu olhar quando lhe dei a notícia de que iria começar a dar aulas – foi o maior presente que pude lhe dar. No dia em que vi minha mãe pela última vez – mesmo sabendo que ela já estava sem vida, prometi-lhe que não iria parar de estudar e que procuraria sempre ser uma pessoa correta, humana e comprometida. Minha mãe passou por inúmeras dificuldades na vida, teria todos os motivos para me educar assim como ela foi educada, mas não, apesar de não ter as condições financeiras ideais para me ajudar, sempre me incentivou e às vezes me obrigou a estudar, a fazer algo diferente, a procurar algo que fosse bom para mim, a ela sou muito grato, jamais vou esquecer tudo que fez por mim.

Procurei forças para continuar lutando, pois sei que se ela estivesse presente, jamais me deixaria levar uma vida estagnada e sem sentido.

Alguns meses após o falecimento de minha mãe nasceu meu filho Eduardo – um motivo e tanto a mais para continuar lutando, era fundamental continuar trilhando o meu caminho, pois ao falarmos de educação, imposições não servem para nada, ao contrário de bons exemplos.

Nesse mesmo ano, meu amigo de infância Leandro Nunes, conclui a graduação em filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE e volta para a cidade de Dois Vizinhos. Ambos estávamos procurando algo para darmos sequência em

nossas vidas, e como sempre, em nossas infundáveis conversas, ele me apresenta a filosofia enquanto possibilidade para dar sequência em meus estudos, como ele pretendia tentar ingressar no mestrado em filosofia me lançou o desafio de tentar também. Segundo ele, minha forma de pensar e encarar a vida tinha grande afinidade com os estudos desenvolvidos na área de humanas, principalmente nas críticas desenvolvidas pelo filósofo alemão Karl Marx. Adquiri algumas obras e comecei a estudar, identifiquei-me de imediato com os principais conceitos do autor – lembro-me da euforia de estudar determinados assuntos que se apresentavam de forma limitada e superficial nos estudos por mim realizados anteriormente. Estudei por cerca de um ano, montei um projeto com a orientação do Leandro e fiz a inscrição para a seleção de mestrado em filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Toledo-PR junto com ele que já tentava pela segunda vez.

Não consegui a aprovação na primeira seleção, faltaram poucos décimos para tal, porém, a experiência com a filosofia e o conhecimento agregado nesse período de preparação foram extremamente satisfatórios, decidi continuar estudando na mesma linha de pesquisa. As instituições educacionais nas quais desenvolvia minhas atividades relacionadas à docência encerraram suas atividades – fator que me obrigou a atuar em outras áreas. O trabalho que passei a desempenhar era noturno e um pouco ocioso, fator que me proporcionava excelentes condições para estudar. Acabei encontrando uma instituição que disponibilizava o curso de licenciatura em filosofia na modalidade de educação a distância, iniciei os estudos com o objetivo de me aprofundar mais na filosofia para posteriormente tentar a seleção de mestrado novamente.

Na segunda vez que tentei a seleção, já estava na metade do curso de filosofia e muito mais preparado para enfrentar os desafios subsequentes. Depois de refazer meu projeto e de estudar com muito mais afinco, consegui a tão desejada aprovação, foram dois anos e meio de estudos e muito empenho para conseguir me adaptar com a filosofia e conseguir concluir tanto a licenciatura como o mestrado. Migrar da área de administração para a filosofia em nível de mestrado foi algo que exigiu muito esforço e dedicação e mesmo não tendo o desempenho dos outros alunos que possuíam formação específica na área, os resultados foram satisfatórios.

Agradeço ao Leandro Nunes por ter me apresentado à filosofia e por ter percorrido esse caminho junto comigo, me dando apoio, lendo meus textos, ouvindo minhas dúvidas, dialogando comigo e me instigando a buscar a filosofia enquanto uma construção contínua e nunca acabada. Agradeço também ao professor e meu orientador Jadir Antunes por ter acreditado que era possível um administrador estudar filosofia e ter me aceito como orientando e por ter trilhado comigo esse longo e árduo caminho.

Ao iniciarem as aulas do mestrado, fui obrigado a deixar meu emprego e me dedicar exclusivamente aos estudos. Iniciei a maratona de viagens, estudos e de extrema dificuldade financeiro. Por um período consegui manter as coisas dentro da regularidade, mas como as viagens eram constantes e longas, foi preciso encontrar uma fonte de renda para dar sequência nas atividades, como nenhum emprego formal possibilitaria a minha maratona de viagens, aceitei um emprego de servente de pedreiro em meio período – não foi fácil, mas foi fundamental para me manter por alguns meses até conseguir a bolsa do mestrado que garantiu com que eu terminasse os estudos.

Como minha formação não era em filosofia, a adaptação nas primeiras semanas de aula foi complicada, mas graças a dois amigos, consegui me adaptar da melhor forma possível. Sou muito grato ao Fábio Batista e ao Luis Fernando de Carvalho por me

ajudarem a superar essa fase inicial e a me inserir no contexto da filosofia. Com o Luis aprendi muito, aprendi que é possível pensar na religião sem ser dogmático e intolerante – fica aqui registrado o meu mais profundo e sincero agradecimento a esse grande amigo que me ajudou e trilhou esse caminho junto comigo.

Não posso deixar de agradecer aos professores que não mediram esforços para proporcionarem aulas fantásticas, verdadeiras experiências do saber, a Ester Dreher Heuser, ao José Luiz Ames, ao Tarcílio Ciotta, ao Gilmar Henrique da Conceição e ao Jadir Antunes, o meu mais sincero agradecimento.

Na reta final do mestrado, quando já havia concluído todos os créditos relacionados a aulas, proficiência e publicações, tendo como objetivo apenas a finalização da dissertação, acabei tendo sérios problemas de saúde que culminaram com o rompimento total de meu tendão de Aquiles – fui obrigado a fazer uma cirurgia e a passar por um longo período de recuperação. Não foi fácil continuar estudando, mas quando se tem pessoas ao seu lado tudo se torna menos árduo. Agradeço ao meu professor de artes marciais Gilmar Bertholdo, pelos doze anos de parceria e por todo o apoio me dado nesse período de recuperação, ao Vinicius Cella por todos os anos de amizade e por sempre estar disposto a me ouvir e a me ajudar tanto de forma pessoal como profissional e a minha irmã Adriana Derengoski por ter garantido que minha recuperação atingisse níveis de excelência em tempo recorde sem medir esforços para tal, a essas pessoas, deixo aqui meus mais sinceros agradecimentos.

Não poderia deixar de agradecer aqui as duas pessoas mais importantes da minha vida, minha esposa Márcia Goetert e a meu filho Eduardo Goetert Derengoski. Agradeço do fundo do meu coração a minha esposa, por estar sempre comigo, me apoiando e por nunca ter me deixando desistir. Quando era necessário pilotar quatrocentos quilômetros de moto para estudar, com frio e chuva ela sempre me esperava com uma boa comida e com muito carinho, se não fosse por ela, não sei se teria conseguido chegar ao final de tudo isso. Gostaria aqui de dizer que a amo muito e que jamais vou me esquecer de tudo que fez por mim, prometo que vou me esforçar para ser uma pessoa cada vez melhor, tanto como pai, como esposo e como cidadão.

A meu filho, fica a eterna gratidão por ter sido o meu motor móvel, por ter sido aquele que me instigou a continuar lutando após a morte de minha mãe, por ter estado em minha mente em todos os momentos de dificuldade me dando força e me incentivando mesmo que de forma indireta. A você meu filho, gostaria de deixar algumas palavras que, de certa forma, retratam tudo o que passei para conseguir chegar ao final de tudo isso. Iniciei minha primeira graduação com dezanove anos e estou finalizando o mestrado com trinta e um, nesse período cursei duas graduações, uma pós-graduação e o mestrado, tive inúmeros empregos, vivi muito, errei bastante, mas no final percebi que aprendi bastante e que construí a minha história. O que quero lhe dizer meu filho, é que você não deve me seguir – não deve ter-me como exemplo, mas sim que você siga seu próprio caminho e nunca desista de fazer algo – o que dá sentido para nossa existência é o próprio movimento de nossas ações, te amo muito meu filho, e tudo que fiz e que faço é pensando em você, siga teu caminho, faça suas escolhas, mas nunca se esqueça, estarei sempre com você e até que você comece a traçar seu próprio caminho vou proporcionar-lhe uma vida cheia de experiências para que você nunca se esqueça de que o que nos torna humanos é a nossa capacidade de construir nossa própria existência.

Entre o rosto e o retrato, o real e o abstrato, entre a loucura e a lucidez, entre o uniforme e a nudez (...). Eu me sinto um estrangeiro, passageiro de algum trem, que não passa por aqui, que não passa de ilusão.

(Humberto Gessinger)

RESUMO

GILMAR, Derengoski. A TEORIA DO VALOR EM *O CAPITAL* DE MARX – Análise das relações sociais no modo de produção capitalista. 2018. 91 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2018.

A presente dissertação tem por objetivo conceituar a teoria do valor em Karl Marx através de sua obra de maior expressão: *O Capital – Crítica da economia política – Livro I – O processo de produção do capital* (2013). Bem como de analisar as relações sociais inseridas no modo de produção capitalista. Para isso procuramos demonstrar detalhadamente como o sistema capitalista funciona. Evidenciaremos que para Marx o modo de produção capitalista é pautado pela produção e pela troca de produtos. Para tal intento trabalhamos detalhadamente a relação entre produtores e consumidores como pilar fundamental para o pleno funcionamento do sistema. Partindo das relações mais simples e chegando nas mais complexas. Para isso conceituamos a mercadoria segundo seus dois lados indissociáveis: valor de uso e valor de troca. Em seguida adentramos na relação concreta e objetiva do sistema, no mercado efetivamente. Apresentamos também a gênese da forma-dinheiro e como ela se torna equivalente universal para as trocas de mercadorias. Destacando o caráter fetichista da mercadoria quando o sistema capitalista se encontra consolidado. Por fim, procuramos destacar como o acúmulo de dinheiro substitui a produção de mercadoria para a subsistência humana pela produção de mercadoria com o objetivo de acúmulo de dinheiro, o acúmulo de riquezas. O que acaba por condicionar a realidade e fazer com que a aparência se sobreponha a essência, transformando assim as relações sociais, que deixam de ser diretas e concretas e passam a ser indiretas e abstratas.

PALAVRAS-CHAVE: Valor, mercadoria, dinheiro.

ABSTRACT

GILMAR, Derengoski. THE THEORY OF VALUE IN THE CAPITAL OF MARX - Analysis of social relationship in the capitalist mode of production. 2018. 91 p. Dissertation (Master's degree in philosophy) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2018.

The present dissertation pretends conceptualize the value theory in Karl Marx through his most expressive book: *The Capital - Critique of Political Economy - Book I - The Process of Capital Production* (2013). As well as analyzing the social relationship inserted in the capitalist system mode of production. For this work, we searching demonstrate in detail the operation of capitalist system. We showing for Marx the capitalist mode of production is guid by the production and exchange of products. For this purpose we show in detail on the relationship between producers and consumers as a fundamental base for the totally operation of the system. Starting from the most simplest relationship and arriving in the most complex. For this idea we conceptualize the goods according of inseparable two sides: value of use and value of change. Then we go in to the concrete and objective relationship of the system, in the market effectively. We also going present the genesis of money-form and how this becomes universal equivalent for market changes. Evidencig the fetishistic character of the goods when the capitalist system is consolidated. Finally, we go evidencing how the accumulation of money replaces the production of goods for the human subsistence by the production of products with the objective of accumulation of money, the accumulation of riches. What finishing up conditioning reality and making appearance overcome the essence, thus transforming social relationship, which leave to be direct and concrete and become indirect and abstract.

KEY WORDS: Value, commodity, Money.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 O CONCEITO DE MERCADORIA: VALOR E TRABALHO	19
2.1 O CONCEITO MERCADORIA	20
<i>2.1.1 Valor de Uso</i>	<i>24</i>
<i>2.1.2 Valor de troca</i>	<i>26</i>
2.2 TRABALHO CONCRETO, TRABALHO ABSTRATO E VALOR	29
<i>2.2.1 Trabalho Concreto</i>	<i>31</i>
<i>2.2.2 Trabalho Abstrato</i>	<i>34</i>
<i>2.2.3 Valor</i>	<i>37</i>
3 GÊNESE E ESTRUTURA DA FORMA DINHEIRO	40
3.1 FORMA DE VALOR RELATIVO	42
3.2 FORMA DE VALOR EQUIVALENTE	46
3.3 OS DESDOBRAMENTOS DA FORMA VALOR	49
3.4 A FORMA UNIVERSAL DO VALOR	50
3.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA DO VALOR MARXISTA	53
4 O CARÁTER FETICHISTA DA MERCADORIA E SEU SEGREDO	62
4.1 O CONCEITO DE FETICHE E SEU SEGREDO	71
5 VALOR, DINHEIRO E RELAÇÕES SOCIAIS	76
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	89

1 INTRODUÇÃO

Karl Marx, filósofo alemão do Século XIX, em sua obra de maior expressão: *O Capital – Crítica da economia política (Livro I – O processo de produção do capital)*, procurou demonstrar de forma detalhada como o sistema de produção capitalista está estruturado. Seu método dialético¹ de investigação, assim como o conhecemos, possibilitou-nos análises consistentes sobre a realidade efetiva do capitalismo. Isso significa que, as análises desenvolvidas por Marx transcendem a forma aparente de manifestação das coisas, ou seja, a forma com que as coisas aparecem e se manifestam no meio social capitalista, o que não condiz totalmente com a sua realidade sensível, concreta e objetiva. Nesse sentido, os estudos de Marx, além de demonstrar a estruturação do capital enquanto modo de produção possibilitou análises detalhadas e consistentes sobre as características e sutilezas quase imperceptíveis do capital. Sutilezas essas que, em grande medida, ocultam a verdadeira realidade do capital. A relação entre concreto e abstrato, entre o sensível e o suprassensível, entre o objetivo e o subjetivo, as quais precisam esforços teóricos sob a perspectiva de desvelar a realidade e de não ocultá-la.

Marx levou praticamente uma vida para elaborar a estrutura definitiva d'*O Capital*, produziu e publicou inúmeras obras literárias, artigos de jornais, cartas e folhetos no decorrer de sua vida, muitas delas foram aperfeiçoadas, compiladas e até mesmo reformuladas de acordo com o amadurecimento e com o desenvolvimento intelectual do autor. Dentre as suas obras mais relevantes podemos citar: *Os manuscritos econômico-filosóficos* de 1844, (obra publicada após sua morte), na qual retrata a realidade da exploração do homem pelo capital produtivo, ou seja, o capital produtor de mercadorias objetiva reproduzir-se constante enquanto o trabalhador trabalha apenas para garantir sua subsistência – mesmo sendo o responsável direto pela produção; *A miséria da filosofia* (escrito e publicado em 1847) obra em que Marx

¹ Para a teoria marxista, dialética compreende a teoria do conhecimento, através dos filósofos Hegel, Marx e Engels. Para o marxismo, a dialética é o pensamento e a realidade ao mesmo tempo, ou seja, a realidade é contraditória com o pensamento dialético. Para a dialética marxista, o mundo só pode ser compreendido em um todo, refletindo uma ideia a outra contrária até o conhecimento da verdade. Antunes afirma que é importante perceber que Marx aceita como verdadeiras, até certo ponto, as falsas concepções sobre o valor que capitalistas e operários formam na instância do mercado. As torna como certas, porém, unicamente como o objetivo de desmistificá-las e de lançar sobre elas a crítica negativa e destruidora de seu pensamento dialético. (A dialética do valor em *O Capital* de Marx – Jadir Antunes).

crítica à visão econômica e filosófica apresentada por Pierre-Joseph Proudhon². O que demonstra que Marx, já em suas obras iniciais, tinha interesse pelas questões relacionadas à economia política; A *Contribuição para a crítica da economia política* de 1859 (obra iniciada e não finalizada por Marx devido principalmente a uma enfermidade por ele enfrentada), a qual contém apenas dois capítulos – que posteriormente fariam parte da estrutura definitiva d’*O Capital*. E, por fim, os *Grundrisse – Manuscritos econômicos de 1857 – 1858: Esboços da crítica da economia política* (versão inicial da crítica da economia política de Marx, desenvolvida por ele desde sua juventude e redigida integralmente entre os anos de 1857 e 1858), reelaborada diversas vezes, que juntamente com outros textos, deram origem aos três livros d’*O Capital*, tal quais: *Livro I – O processo de produção do capital*; *Livro II – O processo de circulação do capital* e *Livro III – O processo global de produção capitalista*, sendo o primeiro editado e publicado por Marx ainda em vida e os outros editados e publicados após sua morte por Friedrich Engels.

Apesar de Marx não ter completado sua maior obra, a complexidade de seus estudos influenciou inúmeras gerações e continua influenciando as mais distintas áreas do saber. A crítica da economia política tecida por Marx possui um lugar na contemporaneidade. Sua compreensão possibilita-nos uma visão crítica e abrangente sobre a realidade na qual estamos inseridos, sendo seu estudo relevante para entendermos o capitalismo enquanto modo de produção predominante atualmente. Nesse sentido, o objetivo central dessa pesquisa consiste em demonstrar como o método dialético de investigação presente na obra *O Capital* de Marx, especificamente na seção I, possibilita desvelar – trazer a tona, as características ocultas e imperceptíveis do modo de produção capitalista, demonstrando assim que as relações sociais estabelecidas em função do capital são em grande medida ocultadas, mascaradas, deixadas em suspenso – em segundo plano. Em resumo delinearemos a partir da visão de Marx, como as relações sociais capitalistas estão estabelecidas, tendo como fundamento a ocultação da realidade sensível e efetiva das coisas, ou seja, como as relações diretas entre produtores, compradores e vendedores de mercadorias aparentam ser meras relações entre mercadorias em função de suas formas de representação mais aparentes.

² Pierre-Joseph Proudhon nasceu em Besançon, França, em 15 de janeiro de 1809. Em viagens a Paris, Proudhon conheceu Karl Marx, Mikhail Bakunin e outros revolucionários. Seu livro *Système des contradictions économiques, ou philosophie de la misère* (1846; Sistema de contradições econômicas ou filosofia da miséria), em que defendia o estado centralizado e criticava o autoritarismo comunista, suscitou a resposta de Marx em *Misère de la philosophie* (1847; Miséria da filosofia). Disponível em: <https://biomania.com.br/artigo/pierre-joseph-proudhon>. Acessado: 15/09/2018.

Para Marx, o desenvolvimento do modo de produção capitalista está fundamentado na produção e comercialização de mercadorias, quanto mais as mercadorias se desenvolvem nesse meio, maior a consolidação de tal sistema. Sendo assim, analisaremos no primeiro momento da pesquisa o conceito de mercadoria na obra de Marx e sua importância para as análises referentes ao capitalismo.

O movimento de produção e a comercialização de mercadorias são essenciais para o desenvolvimento do capitalismo enquanto modo de produção “a mercadoria é o ponto *a priori* de Marx” (HARVEY, 2013, p. 26), a relação entre produtores, compradores e vendedores de mercadorias é o pilar fundamental do capitalismo. Nesse sentido, Marx parte da relação mais simples e direta entre duas mercadorias distintas, demonstrando que tais relações são mascaradas no contexto social no decorrer do processo, ou seja, a forma de manifestação social dessas relações não condiz com a sua realidade concreta e objetiva – é uma relação abstrata, mascarada e incompleta.

Nessa perspectiva, Marx apresenta-nos o conceito de mercadoria enquanto uma dualidade: Valor de Uso e Valor de Troca – polos essenciais e indissociáveis de uma mesma unidade, a mercadoria. Analisaremos esses conceitos com o intuito de demonstrar que o modo de produção capitalista não é algo imóvel e estático, mas sim algo mutável, que se desdobra constantemente em novas formas, ou seja, possui uma realidade efetiva – a realidade concreta da mercadoria, mas que, em aparência, adquire formas totalmente distintas de sua própria realidade.

O caráter acidental e relativo do valor de troca perderá espaço em função do trabalho produtor de mercadorias, ou seja, a quantidade de trabalho, em caráter médio e universal, despendido na fabricação das mais distintas formas de mercadorias servirá como unidade de medida para a troca, demonstrando assim que padrões começam a ser estabelecidos e que determinadas características são deixadas de lado em função da consolidação de novas formas sociais e abstratas no processo de comercialização de mercadorias. Nesse processo torna-se fundamental entendermos a relação entre trabalho concreto, trabalho abstrato e de valor em Marx e como, a partir de abstrações, é possível ocultar a realidade concreta dos produtores de mercadorias em função do valor atribuído a suas mercadorias a partir das imposições sociais mercantis.

No segundo momento da pesquisa, adentraremos a uma nova esfera de análises, passaremos da relação concreta e objetiva entre produtores, vendedores e compradores de mercadorias para a análise da relação direta e independente entre mercadorias – no mundo das mercadorias, ou seja, como o valor socialmente atribuído a uma mercadoria

acaba ofuscando a sua realidade sensível e objetiva no meio social? Em outras palavras, como o valor de uma mercadoria (algo puramente social), torna a relação entre mercadorias independente de suas características sensíveis – de suas próprias formas concretas, na relação entre mercadorias. Para tal, apresentaremos a gênese da forma dinheiro em Marx, ou seja, como a relação direta entre duas mercadorias é abstraída em função do dinheiro enquanto mediador das relações mercantis? Como a relação direta entre mercadorias se desdobrou em novas formas no decorrer do processo até consolidar-se na forma dinheiro.

O dinheiro passa a ser o equivalente geral no processo de trocas, nenhuma das características sensíveis, concretas e objetivas da produção de mercadorias faz parte da forma com que as mercadorias se apresentam no mercado em função do valor – do dinheiro. Para tal, analisaremos a relação entre valor relativo e valor equivalente e seus desdobramentos na relação de troca entre mercadorias, o caráter universal de tal relação o conceito de equivalente geral – a forma dinheiro, demonstrando que quanto mais as estruturas capitalistas se desdobram em novas formas, mais as relações sociais são desenvolvidas em função de categorias aparentes, ofuscadas e ilusórias – ocultando assim a realidade da relação mercantil em função de objetivos específicos, de um fim em si mesmo.

No terceiro momento da pesquisa, apresentaremos o caráter fetichista da mercadoria em Marx, objetivando assim demonstrar efetivamente, como as relações sociais entre produtores, vendedores e compradores de mercadorias assumem a forma ofuscante de uma relação direta apenas entre mercadorias – entre os produtos do trabalho, como se ocorresse uma inversão dos polos onde as coisas aparentam humanizar-se e os homens transformarem-se em objetos – coisas.

O caráter fetichista da mercadoria possui deveras importância na obra de Marx, pois, além de finalizar as análises com relação à troca e circulação de mercadorias, abre espaço para adentrarmos na compreensão dos estágios mais evoluídos do sistema capitalista. Além do mais, “com a descoberta do fetiche Marx desvela, então, todos os segredos ocultos da produção capitalista, todo um mundo nada luminoso, o mundo verdadeiro, real, que se esconde por trás das aparências veladas pelo mercado e a circulação monetária” (ANTUNES, 2006, p. 4) demonstrando que é possível adquirir consciência para além daquilo que nos salta aos olhos, daquilo que aparente ser, mas não é e daquilo que existe apenas como forma de manifestação e não enquanto realidade efetiva.

Na ultima parte do trabalho, apresentaremos algumas funções atribuídas ao dinheiro enquanto equivalente universal no processo de trocas, objetivando assim demonstrar como os desdobramentos da forma dinheiro no meio social acaba por influenciar significativamente na forma que as pessoas vivem e se desenvolvem enquanto sociedade capitalista, ou seja, que quanto mais o dinheiro se desenvolve, mais as categorias abstratas se sobrepõe aparentemente a realidade sensível e concreta de cada individuo da cadeia produtiva. A forma com que a realidade passa a ser percebida sofre uma inversão, as imposições do meio social passam a moldara consciência humana e não a realidade sensível de cada indivíduo.

Os reflexos dessa forma de percepção da realidade é algo que faz parte da construção da vida humana, a relação entre o concreto e o abstrato, entre o aparente e o essencial é constituinte da forma como vivemos em sociedade, porém, o que podemos perceber é que muito do que é pensando e desenvolvido em sociedade, muitas vezes não leva em consideração essas duas vertentes, projetando assim concepções incompletas e até mesmo errôneas sobre a realidade que nos cerca. As concepções atribuídas ao mundo das mercadorias não representa a totalidade efetiva da consciência humana, a autonomia que o dinheiro aparenta ter enquanto equivalente universal não representa a realidade realmente efetiva das relações mercantis, o caráter social e abstrato do trabalho humano não representa realmente o papel essencial do trabalho humano enquanto algo fundamental para o desenvolvimento do homem enquanto ser social, a capacidade que o dinheiro tem de ser acumulado e as consequências desse movimento moldam a consciência humana de forma a aceitar a realidade que lhes é imposta e não a verdadeira realidade das coisas, enfim, fatores como esse tornam fundamental o ato de desvelar, de trazer à luz as características mais essências da realidade capitalista, possibilitando assim que a consciência humana, mesmo que não possa se desprender totalmente desses mecanismos, possa ao menos minimizar os reflexos das imposições que o mundo capitalista induz a consciência humana a ter como verdade absoluta e inquestionável.

2 O CONCEITO DE MERCADORIA: VALOR E TRABALHO

Marx, em *O Capital* (2013), apresenta-nos a estruturação do sistema de produção capitalista e suas principais características³, ou seja, com base na amplitude e na complexidade do capital enquanto modo de produção procurou compreender a partir de suas manifestações mais simples e aparentes até suas características imperceptíveis e ocultas, como se dá o seu real funcionamento. Marx não se preocupou em desenvolver suas análises em apenas alguma região qualquer, “o estudo que ele faz é tão abstrato que se mantém válido independentemente do país e da época em que o modo de produção capitalista predomine” (BRUSCHI, MUZZUPAPPA, NUSS, STECKNER & STÜTZLE, 2016, p. 26). O contexto histórico no qual Marx estava inserido, apesar de influenciar significativamente, é deixado em suspenso – é abstraído, tornando assim possível compreender a obra e as leis universais e abstratas do capital. As leis gerais do capital, em caráter abstrato, são “precisamente o que torna sua análise contemporânea” (BRUSCHI et al. 2016, p. 26) e, portanto, relevante para a construção do pensamento humano.

Segundo Gianotti, Marx “pretendia era criticar um modo de produção da riqueza essencialmente ancorado no mercado, isto é, na troca de produtos sob a forma mercantil” (GIANOTTI *apud* MARX, 2013, p. 59)⁴, demonstrando a relação existente entre a produção e a acumulação de capital com a exploração da força de trabalho. Segundo ele, Marx se preocupa em entender “como é possível que uma troca que equalize produtos possa sistematicamente produzir excedente econômico? Criar tanto riqueza como pobreza” (GIANOTTI *apud* MARX, 2013, p. 59), como mercadorias, mesmo equiparadas igualmente no mercado, podem gerar tanta riqueza e em contrapartida tanta pobreza?

³ De acordo com o dicionário do pensamento marxista “O modo de produção capitalista caracteriza-se por relações sociais de produção específicas, quais sejam trabalho assalariado livre (compra e venda de força de trabalho) e a existência dos meios de produção sob a forma de mercadoria. Isto é, o capitalismo implica não apenas a troca monetária, mas também a dominação do processo de produção pelo capital”. (BOTTOMORE, 2013, p. 89).

⁴ Citação retirada da obra: MARX, Karl. *O capital: Crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013. Em um de seus textos introdutórios, escrito por José Arthur Giannotti.

Nesse sentido interpretamos que Marx parte essencialmente da problematização dos componentes que servem de substrato⁵ para tal sistema. Sendo por isso que o conceito de mercadoria⁶ é apresentado como o ponto de partida para a análise de Marx – como pilar fundamental desse sistema que tem como característica fundamental a aquisição de mercadorias em prol da satisfação aparente de necessidades humanas, independente da forma com que essas necessidades se apresentam, “se, por exemplo, elas provêm do estômago ou da imaginação - não altera em nada a questão” (MARX, 2013, p. 113).

A subsistência humana é algo que nas sociedades capitalistas está condicionada à produção, à circulação e à troca de mercadorias, independente de sua forma de manifestação. As pessoas adquirem mercadorias regularmente tornando-as assim constitutivas e universais do capital, “a forma-mercadoria é uma presença universal no interior do modo de produção capitalista. Marx escolheu o denominador comum a todos nós, sem distinção de classe, raça, gênero, religião, nacionalidade, preferência sexual [...]” (HARVEY, 2013, p. 28).

Não há relevância pela forma utilizada para a troca de mercadorias, nem de quais mercadorias o indivíduo necessita para sua subsistência e nem a posição dos agentes nesse contexto, sejam eles produtores, compradores ou vendedores – a mercadoria é parte essencial da vida humana na atual sociedade e as relações sociais estabelecidas na esfera capitalista são significativamente afetadas pela necessidade constante por mercadorias, o desenvolvimento social – das relações sociais capitalistas, possui relação significativa com os desdobramentos da mercadoria em tal processo.

2.1 O Conceito mercadoria

O desenvolvimento histórico do indivíduo enquanto ser social possui relação com a capacidade de prover as condições para a satisfação de suas necessidades básicas de subsistência. A forma como as sociedades estão organizadas não muda o fato de que o homem precisa necessariamente criar os meios para poder sobreviver. A diferença

⁵ O que forma a parte essencial do ser (aquela em que repousam as qualidades). (Dicionário Aurélio. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/substrato>. Acessado em: 24/05/2017).

⁶ Todas as sociedades humanas têm de produzir suas próprias condições materiais de existência. A mercadoria é a forma que os produtos tomam quando essa produção é organizada por meio da troca. Nesse sentido, uma vez criados, os produtos são propriedade de agentes particulares que têm o poder de dispor deles transferindo-os a outros agentes. (...) Nesse processo, uma quantidade definida de um produto troca de lugar com uma quantidade definida de outro. (BOTTOMORE, 2013, p. 422).

fundamental das sociedades com predominância do modo de produção capitalista para com as sociedades mais primitivas é a transformação de um produto qualquer em mercadoria, “a forma-mercadoria é uma presença universal no interior do modo de produção capitalista” (HARVEY, 2013, p. 26), por isso mesmo, parte essencial da forma com que as pessoas vivem.

O termo produto tem origem do latim *productus*⁷ e significa basicamente algo que tenha sido fabricado, produzido, manufaturado ou desenvolvido por alguém, “a mercadoria é a forma que os produtos tomam quando essa produção é organizada por meio de troca” (BOTTOMORE, 2013, p. 422); se, por exemplo: dois produtores de leite trabalham de forma a produzir vinte litros de leite cada um por dia – cuidam do pasto, da estalagem e do processo de ordenha. Um deles vive em uma comunidade na qual tudo o que é produzido é de propriedade da coletividade, cada qual produz algo e usufrui da produção dos outros de acordo com suas necessidades. Já o outro, vive apenas com sua família em um pequeno sítio, sua produção é muito maior do que suas necessidades próprias, obrigando-o a direcionar o excedente de sua produção para o mercado com o intuito de trocá-lo por outros itens que visem o atendimento de suas necessidades e de sua família.

No primeiro exemplo, o produto é fabricado exclusivamente para a satisfação de necessidades pessoais de um determinado grupo, não existe a preocupação com o processo mercantil, como ocorre no segundo exemplo. Com isso concluímos que o que difere uma mercadoria de um produto está na necessidade do direcionamento da produção excedente ao mercado para posterior troca.

Nesse sentido, o que caracteriza o mercado é a troca de produtos entre agentes econômicos, sejam eles produtores, compradores, vendedores, interceptores, mediadores, ou seja, todo o aparato de indivíduos que atuam no processo de troca e circulação de mercadorias: “as pessoas comprem mercadorias, sendo esse um ato fundador do modo como as pessoas vivem” (HARVEY, 2013, p. 28). Portanto, a análise da mercadoria, seja em suas características aparentes ou em suas formas mais ilusórias, é essencial para o entendimento desse movimento.

Marx, ao iniciar *O Capital* (2013), apresenta-nos a seguinte afirmação: “a riqueza das sociedades onde reina o modo de produção capitalista aparece como uma ‘enorme coleção de mercadorias’, e a mercadoria individual como sua forma elementar”

⁷ Conceito de produto, disponível em: <http://conceito.de/produto>. Acessado em 30/05/2017.

(MARX, 2013, p. 113); de acordo com nossa interpretação, Marx está preocupado em analisar as bases para o funcionamento do capital enquanto modo de produção, possibilitando assim tecer críticas a esse sistema que possui a desigualdade na distribuição de riquezas como característica essencial. Nesse contexto a mercadoria surge como sinônimo de riqueza – quanto maior a quantidade de mercadorias que determinado indivíduo possui, mais rico ele é considerado e maior é seu poder perante aos agentes econômicos – por consequência, maiores são as possibilidades do desenvolvimento de ações que objetivem a aquisição de mais riquezas. Por isso mesmo a mercadoria é considerada pelo filósofo como o pilar fundamental do capitalismo e seus desdobramentos configuram suas formas mais consolidadas.

O termo “aparece” (*erscheint*), utilizado por Marx no primeiro parágrafo de *O Capital* (2013)⁸, possui dois sentidos distintos que estão para além de questões gramáticas ou da construção do texto (cf. HARVEY, 2013, p. 25). Primeiramente, quando Marx afirma que a mercadoria aparece no mercado, esta indicando que “a palavra ‘aparece’ (...) não é o mesmo que ‘é’” (HARVEY, 2013, p. 25). Nesse sentido entendemos que ele não está interessado em demonstrar como determinados produtos evoluíram até tornarem-se mercadorias – parte de uma realidade dada na qual a mercadoria já está consolidada no meio social, “não se ocupa com os modos antigos de produção, com os modos socialistas de produção ou mesmo com os modos híbridos, apenas com o modo de produção capitalista em sua forma pura” (HARVEY, 2013, p. 26), abstraindo inúmeras características ao espaço e ao tempo, tornando assim, as análises, em grande mediada, abstratas. Todavia, em nossa concepção, Marx deixa em suspenso algumas questões, tais quais: como os produtos do trabalho humano passaram a ser tratadas enquanto mercadorias? Em que momento a mercadoria consolidou-se no meio social? Quais os fatores que levaram a isso? Questões que compõem um vasto escopo no que tange o problema da mercadoria.

No segundo sentido, pode se entender a palavra “aparecer” como algo aparente – que parece, mas não é – o que pode implicar características que transpassam as aparências, como se as mercadorias aparecessem no mercado de forma superficial, incompleta, indeterminada, como se a realidade efetiva da mercadoria não tivesse importância em suas formas de manifestação, indicando “que uma coisa diferente ocorre por trás da aparência superficial” (HARVEY, 2013, p. 25), suscitando assim a

⁸ (...) aparece como uma enorme coleção de mercadorias, e a mercadoria individual como sua forma elementar (MARX, 2013, p. 113).

necessidade de uma investigação mais apurada sobre a mercadoria, investigação que transcenda as formas de manifestação. Cabe a nós aqui questionar: O que é uma mercadoria no âmbito da obra marxista? Quais as características da mercadoria que estão para além de sua aparência superficial? Quais os reflexos dessa forma de manifestação para as relações sociais capitalistas?

Para Marx, “a mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de um tipo qualquer” (MARX, 2013, p. 113), tais necessidades são das mais distintas formas, seja “diretamente como meio de subsistência, isto é, como objeto de fruição, ou indiretamente, como meio de produção” (MARX, 2013, p. 113). Entretanto, muito do que é necessário aos seres humanos está para além das questões materiais e de subsistência, pode possuir relação com sua subjetividade, com suas carências emocionais e estéticas – nesse léxico podemos citar os livros, as obras de arte e até mesmo determinados tipos de roupas – os desejos humanos são em grande medida satisfeitos pela imensidade de mercadorias dispostas no mercado. É por essa razão que As mercadorias *aparecem* no mercado nas mais infinitas formas, são produzidas das mais diversas maneiras e atendem as mais diversas necessidades.

O homem individualmente não é capaz de produzir tudo que lhe é necessário, depende do mercado para suprir tais necessidades. Em contrapartida é obrigado a produzir/criar algo que seja útil para outros produtores, possibilitando assim que a troca de objetos úteis supere as carências humanas nas mais distintas formas. Imagine que determinado produtor de couro, que aprendeu os ofícios com o seu pai, possui esposa e filhos pequenos e precise de uma vasta diversidade de mercadorias para garantir a subsistências dos mesmos. Seu pai havia lhe ensinado apenas a curtir o couro e a produzir jaquetas para o frio, porém, naquele momento a região que ele vivia estava sofrendo com o calor intenso, obrigando-lhe a criar novos produtos para direcionar ao mercado. Aprendeu a confeccionar cintos, chapéus e sapatos, aumentando assim as possibilidades dele adquirir as mercadorias necessárias para ele e para sua família.

Isso não se dá apenas com a produção de mercadorias que já existem no mercado, novos produtos e novas necessidades são criados frequentemente. O homem vive numa constante busca de formas para melhorar sua vida e a de seus semelhantes, por isso mesmo, a diversidade de mercadorias é tão grande que é impossível mensurá-las em sua totalidade, mercadorias são criadas a todo o momento bem como seu contrário. Por isso Marx precisa encontrar um denominador comum para atuar com essa

infinidade de mercadorias, precisa superar esse paradoxo – ressaltando que Marx procura entender o sistema de produção capitalista em suas leis gerais, portanto, abstratas e em caráter universal.

2.1.1 Valor de Uso

Marx ao analisar as estruturas fundamentais do sistema capitalista se depara com um problema: a vasta diversidade de mercadorias existentes no mercado. A diversidade é tanta que é impossível mensurá-las em sua totalidade. Como pretende identificar as leis gerais do capitalismo, a superação desse paradoxo torna-se indispensável. O que só é possível por meio de uma abstração, pela redução de toda a diversidade de mercadorias existentes em função apenas de sua utilidade – o caráter útil de uma mercadoria representa suas qualidades, “como valores de uso, as mercadorias são, antes de tudo, de diferentes qualidades” (MARX, 2013, p. 116), por exemplo: uma enxada serve para capinar, uma faca serve para cortar, perfurar e até mesmo descascar determinados alimentos, um copo serve para armazenar líquidos facilitando o processo de ingestão, enfim, a forma com que a utilidade se apresenta não faz parte das análises de Marx, as particularidades são representadas pelo universal – as mais distintas utilidades são reduzidas a uma única característica: a utilidade. Em linhas gerais, Marx coloca em segundo plano a realidade concreta e distinta da utilidade em prol da utilização de apenas uma única característica abstrata e universal: o valor de uso ou o caráter qualitativo de uma mercadoria.

Sendo assim, podemos entender o valor de uso como característica essencial de uma mercadoria, ou seja, todo e qualquer produto, para que possa ser considerado enquanto mercadoria – para receber tal nomenclatura, precisa ser útil para alguém, satisfazer necessidades humanas independentemente da forma. Nesse sentido, surge-nos a seguinte questão: será que apenas o que for considerado como mercadoria é capaz de satisfazer as necessidades humanas das mais distintas formas? De acordo com o exemplo a seguir não. Se, por exemplo, um camponês, que vive distante da cidade e não possui os meios de locomoção adequados para direcionar-se com frequência ao mercado é obrigado a produzir os mais diversos produtos para satisfazer as necessidades dele e de sua família, seja um casaco, uma ferramenta ou um medicamento. Os produtos por ele fabricados não podem ser considerados como mercadorias, são consideradas valores de uso, “o valor de uso se efetiva apenas no uso ou no consumo” (MARX, 2013, p.

114), caso contrário, todo trabalho despendido em sua fabricação terá sido inútil assim como os materiais utilizados, desperdiçados. A utilização efetiva de algo caracteriza seu caráter útil, mas essa utilidade está condicionada ao espaço e ao tempo. Algo que é extremamente útil hoje pode não ser mais amanhã, algo que é inútil hoje, pode se transformar em utilidade amanhã. A utilidade de algo só se efetiva realmente na satisfação, no atendimento, na consumação de necessidades humanas.

O homem em seu desenvolvimento histórico criou e continua criando uma diversidade de necessidades, a expansão do mercado e a evolução dos meios de transportes tornaram o processo mercantil essencial para a subsistência da vida humana, exemplo disso foi à revolução industrial que teve como característica principal “a criação do sistema fabril mecanizado, isto é, as fabricas passaram da simples produção manufaturada para a complexa substituição do trabalho manual por máquinas” (FERNANDES, 2017, p. 01). A existência humana passa a ser condicionada pela troca de mercadorias, a satisfação das necessidades humanas, em grande medida, passa pelo processo de mercantilização – não sendo possível atender todas as suas necessidades sem buscar parte delas no mercado, ou seja, “certo *quarter*⁹ de trigo, por exemplo, é trocado por x de graxa de sapatos ou por y de seda ou z de ouro, em suma, por outras mercadorias em outras proporções” (MARX, 2013, p. 114).

Nesse sentido, é evidente que a maioria das coisas que possuem alguma utilidade, para serem consideradas como mercadoria, precisam necessariamente ser uteis para alguém que não seja seu próprio produtor. É obvio que um artesão ao fabricar casacos não está interessado em satisfazer suas necessidades com a sua produção de casacos, ele objetiva direcioná-lo ao mercado para trocar por outras mercadorias de seu interesse: farinha, trigo, sapatos, etc. Trocam-se produtos com qualidades uteis por outros produtos com qualidades uteis, satisfazendo assim, necessidades múltiplas. Mas como realizar tais trocas, como saber a proporção adequada para trocar um saco de farinha por seda?

Marx apresentou-nos apenas o caráter qualitativo das mercadorias – um de seus polos essenciais e indissociáveis que é o valor de uso: “os valores de uso formam o conteúdo material da riqueza, qualquer que seja a forma social desta. Na forma de sociedade que iremos analisar, eles constituem, ao mesmo tempo, os suportes materiais do valor de troca” (MARX, 2013, p. 114). Necessitamos agora analisar o caráter

⁹ Medida inglesa para cereais, equivalente a oito alqueires. (MARX, 2013, p. 114).

quantitativo de uma mercadoria, mais especificamente, como diferentes utilidades podem ser equiparadas quantitativamente no processo mercantil? Ou seja, analisar o segundo polo essencial e indissociável da mercadoria: o valor de troca.

As mercadorias ao serem confrontadas no mercado, precisam ser reduzidas a algo em comum, possibilitando assim a equiparação quantitativa de ambas, isso para que o processo de troca ocorra de forma padronizada/equitativa.

Esse algo em comum não pode ser uma propriedade geométrica, física, química ou qualquer outra propriedade natural das mercadorias. Suas propriedades físicas importam apenas na medida em que conferem utilidade às mercadorias, isto é, fazem delas valores de uso. Por outro lado, parece claro que a abstração dos seus valores de uso é justamente o que caracteriza a relação de troca das mercadorias. Nessa relação, um valor de uso vale tanto quanto o outro desde que esteja disponível em proporção adequada (MARX, 2013, p. 115).

A utilidade de algo é o que garante a possibilidade de seu direcionamento ao mercado enquanto mercadoria, porém, essa utilidade não pode ser mensurada em termos quantitativos, é preciso encontrar o denominador comum desta relação.

2.1.2 Valor de troca

A partir de nossas análises percebemos que não é possível mensurar quantitativamente a utilidade de algo, sendo ela intrínseca e subjetiva. Para que a comercialização de mercadorias possa ser realmente efetivada, é necessário encontrar algo que as equipare entre si, que demonstre sua objetividade concreta no processo de troca. Em outros termos, é preciso algo que torne as mercadorias comensuráveis entre si, que suspenda suas qualidades particulares com o objetivo de torná-las passíveis de equiparação, para assim efetivar a troca – a comercialização. Por exemplo, como um produtor de algodão consegue mensurar qual deve ser a quantidade ideal de seu produto a ser trocada por um saco de farinha? Como o artesão consegue mensurar a quantidade de linho ideal a ser trocada por um casaco? Como é possível que duas mercadorias distintas qualitativamente possam ser equiparadas entre si? Marx nos instiga a analisarmos essa situação mais de perto, segundo ele:

Certa mercadoria, 1 *quarter* de trigo, por exemplo, é trocado por x graxa de sapatos ou por y de seda ou z de ouro etc., em suma, por outras mercadorias nas mais diversas proporções. O trigo tem, assim, múltiplos valores de troca em vez de um único (MARX, 2013, p. 114 e 115).

Assim, é preciso que as mais distintas formas de valores de uso precisam ser permutáveis entre si – entre as mais diversas formas mercantis presentes no mercado, devem possuir grandezas mensuráveis para assim torná-las comensuráveis.

Inicialmente, Marx analisa a esfera capitalista a partir de suas características menos aparentes – a troca direta entre mercadorias. Nesse contexto, a relação de troca desenvolve-se de forma direta – a forma mais aparente da relação representa a própria realidade das coisas, um saco de trigo, por exemplo, é trocado por um casaco. Ao contrário das relações de troca mediadas pelo ouro ou pela prata, ou até mesmo pelo dinheiro que, no geral ocultam a realidade concreta da mercadoria e de seus agentes.

Segundo Marx, nesse contexto “o valor de troca aparece inicialmente como a relação quantitativa, a proporção na qual valores de uso de um tipo são trocados por valores de uso de outro tipo, uma relação que se altera constantemente no espaço e no tempo” (MARX, 2013, p. 114). Em nosso entendimento, Marx analisa a troca direta de mercadorias como sendo um processo livre, que em aparência retrata realmente sua essência. A relação entre os agentes é desenvolvida de forma objetiva e direta, pautada na realidade concreta em que estão inseridos.

O produtor de leite apresenta-se no mercado como realmente é: um produtor de leite. O produtor de trigo, que necessita do leite, apresenta-se no mercado como produtor de trigo. A troca entre leite e trigo é mediada pelos seus respectivos produtores. As condições para essa troca não possuem padrões que estão para além da realidade efetiva e concreta de seus agentes. É uma relação que se altera no espaço e no tempo por não possuir padrões pré-estabelecidos. A lei da oferta e da procura, as necessidades individuais, o clima, a escassez ou superabundância de algum produto são os fatores que regulam o processo mercantil. A realidade social dos agentes mercantis é pautada em aspectos concretos e objetivos – aspectos reais/quantitativos.

Marx analisa as estruturas capitalistas em suas características mais aparentes até as suas formas mais ilusórias, ofuscadas e irreais. O processo direto de trocas, representa a realidade efetiva das mercadorias e seus produtores, mas não suas formas mais desenvolvidas, por isso Marx nega essa realidade, a realidade concreta e objetiva da troca direta, afirmando que inicialmente “o valor de troca parece como algo acidental e puramente relativo, um valor intrínseco, imanente à mercadoria” (MARX, 2013, p. 114). Mas isso não é uma constância, pois remetemo-nos a pensar: como um mesmo valor de uso pode possuir inúmeros valores de troca? Como algo pode ser ao mesmo tempo valor de uso e valor de troca? Para Marx “uma contradição nos próprios termos”

(MARX, 2013, p. 114), ou seja: como pode algo possuir valor de troca sem antes passar pelo processo de troca? Como algo pode ser considerado como mercadoria sem antes passar pelo processo da troca?

A contradição existe na impossibilidade de existir um valor de troca sem que o produto passe realmente pelo processo de troca – sem que a troca seja realmente efetivada. O valor de troca apresenta-se como aquilo que direciona o produto ao mercado, mas não com aquilo que realmente efetiva a troca. Os produtores fabricam valores de uso, que acabam se tornando valores de troca quando inseridos no mercado, porém, o capital enquanto modo de produção não é algo estático e imutável – quanto mais esse sistema se desenvolve, menores são as relações mercantis acidentais e relativas, condicionadas ao espaço e ao tempo, por isso para Marx “1 *quarter* de trigo é = *a* quintais¹⁰ de ferro” (MARX, 2013, p. 115), mas porém, o que nos mostra realmente essa equação quando negamos o caráter puramente acidental do processo mercantil?

Que algo em comum de mesma grandeza existe em duas coisas diferentes [...] Ambas são, portanto, iguais a uma terceira, que, em si mesma, não é nem uma e nem outra. Cada uma delas, na medida em que é valor de troca, tem, portanto, de ser redutível a essa terceira (MARX, 2013, p. 116).

Marx, com base em seu método dialético¹¹ de investigação acaba negando a realidade concreta e efetiva do capitalismo em suas origens apresentando-nos o conceito de trabalho abstrato, superando assim as contradições intrínsecas e imanentes do valor de troca, nesse sentido “a análise da mercadoria feita no primeiro capítulo de O Capital revela os dois elementos que a compõe, formando uma oposição – o valor de uso e o valor de troca. É pela exteriorização dessa oposição interna que a mercadoria se desdobra em outras oposições” (GRESPLAN, 2015, p. 147 e 148)¹², que gradativamente

¹⁰ Antiga unidade de medida de peso, equivalente a 50 quilos. (MARX, 2013, p. 115).

¹¹ A exposição dialética de Marx tem mostrado que esta determinação do trabalho em seu estado útil não é suficiente para se desvendar os mistérios e contradições da sociedade capitalista. A sociedade capitalista, como sociedade produtora de mercadorias, não se funda sobre este caráter útil e qualitativo do trabalho – ainda que o tenha como seu pressuposto. A sociedade capitalista se funda, sim, sobre o caráter social e abstrato do trabalho, do trabalho concebido meramente como certa quantidade de energias físicas e intelectuais despendidas na produção da riqueza. A sociedade capitalista se funda, por esse motivo, numa concepção de trabalho meramente quantitativa, mecânica e fisiológica. Para ela, o trabalhador nunca passará de um instrumento vivo de produção. (ANTUNES, Jadir. A dialética do valor em O Capital de Karl Marx. Disponível em: <https://jadirantunes.files.wordpress.com/2014/12/a-dialc3a9tica-do-valor-em-marx.pdf>. Acessado em 08/08/2017).

¹² Citação transcrita da obra: NETTO, José Paulo. Curso livre Marx e Engels – A criação destruidora. Boitempo Editorial e Carta Maior, São Paulo, 2015 onde um dos escritores participante é Jorge Gresplan.

vão demonstrando o desenvolvimento da mercadoria nas esferas capitalistas no decorrer desse processo que, quanto mais desenvolvido, mais abstrato e ilusório se torna.

2.2 Trabalho concreto, trabalho abstrato e valor

Inicialmente o caráter quantitativo da mercadoria (Valor de Troca) era concebido por Marx como acidental e relativo – condicionado ao espaço e ao tempo, dualidade essa que se desdobrou em outras formas no decorrer do processo. O que antes era tido como acidental dá lugar ao trabalho que, medido quantitativamente, passa a atuar como mediador/equiparador universal no processo de comercialização de mercadorias. Essa concepção surge a partir de algo que é transcendente as características materiais das mercadorias. A troca direta de mercadorias ocorria de forma concreta, pautada/mediada por suas características sensíveis, que em conjunto com as ações de seus agentes proporcionavam a troca. Marx acaba indo além dessa concepção a fim de demonstrar que em paralelo com a realidade do homem, a mercadoria e suas relações mercantis concretas se desdobram em novas formas.

Nesse cenário as características sensíveis tanto da mercadoria como do trabalho são afastadas, pois ao “abstrairmos seu valor de uso, abstraímos também os componentes e as formas corpóreas que fazem dele um valor de uso” (MARX, 2013, p. 116). Uma cadeira, por exemplo, já não é uma cadeira enquanto tal e nem produto do trabalho de um carpinteiro, “todas as suas características sensíveis foram apagadas” (MARX, 2013, p. 116), restando-lhes apenas uma característica em comum: o fato de se dispender em sua fabricação força humana de trabalho. Segundo Marx, abstraindo-se as mais distintas formas concretas de trabalho e as mais distintas formas sensíveis das mercadorias: “(...) não restou nelas mais do que uma mesma objetividade fantasmagórica, uma simples geleia de trabalho humano indiferenciado, de dispêndio de força de trabalho humana, sem considerações pela forma de seu dispêndio” (MARX, 2013, p. 116).

As mais diversas e distintas formas com que as mercadorias são produzidas bem como as características sensíveis dessa infinidade de mercadorias são abstraídas em função de um único fator: a força humana de trabalho, como podemos perceber no seguinte exemplo: um ferreiro, ao produzir um maço de pregos para outrem, está automaticamente produzindo um valor de uso. Ao produzir um valor de uso para outrem precisa direcionar seu produto ao mercado, ao direcionar seu produto ao mercado está

abstraindo todas as características concretas do trabalho (a forma real com que o trabalho foi desenvolvido) bem como todas as características sensíveis (utilidade e qualidade).

O que resta de todo esse processo é a forma com que a mercadoria se apresenta no contexto social mercantil, ou seja, o *quantum* de trabalho despendido em sua fabricação representa sua forma de manifestação, o que possibilita a equiparação quantitativa de mercadorias qualitativamente distintas. A partir disso remetem-nos a pensar que, se a quantidade de trabalho despendido na fabricação de algo é o que possibilita a equiparação de mercadorias de qualidades distintas, como medir a quantidade de trabalho despendido na fabricação de algo para que sirva de unidade de medida na relação entre mercadorias?

A partir de nossas análises podemos concluir que Marx ao elaborar os conceitos que solucionam tal questionamento, acaba demonstrando que a forma com que as mercadorias se apresentam no mercado não tem relação com a sua realidade concreta e efetiva – a de serem produtos de um tecelão do sul da Europa, por exemplo, mas sim um casaco que levou certo quantum de trabalho para ser produzido assim como no seguinte exemplo: um marceneiro, ao decidir produzir uma mesa com o objetivo de levá-la ao mercado para trocar por produtos de sua necessidade, precisa necessariamente despendar sua força de trabalho, tanto física como intelectual no trabalho. Além do mais, antes mesmo de tomar tal decisão, teve de aprender os ofícios da marcenaria, adquirir as ferramentas e as matérias-primas para a fabricação, preparar um local e dispor do tempo necessário para a labuta.

A mesa, quando acabada, é direcionada ao mercado, nesse momento todas as atividades sensíveis relacionadas à sua fabricação são abstraídas, reduzidas apenas a quantidade de trabalho despendida em sua fabricação. Se, por exemplo, a matéria prima utilizada na fabricação foi adquirida de forma ilícita, se o trabalho despendido durante a labuta foi ilegal ou se o produto final foi adquirido por meios impróprios, não altera em nada a questão – as características reais e concretas da mercadoria, de sua produção e de seus produtores são reduzidas apenas ao *quantum* de trabalho necessário para sua fabricação.

A quantidade de trabalho despendido na produção é “o elemento comum que se apresenta na relação de troca ou valor de troca das mercadorias, é, portanto, seu valor”¹³,

¹³ O conceito de valor é descoberto por Marx a partir de uma observação adequada do valor de troca. O que podemos, então, entender por valor? Trata-se, em um primeiro momento e só num primeiro

(MARX, 2013, p. 116), os valores de uso dispostos no mercado só podem ser equiparados quantitativamente porque neles “está objetivado ou materializado trabalho humano abstrato” (MARX, 2013, p. 116), que ao ser incorporado nas mercadorias define os seus respectivos valores de troca.

Mas, nesse sentido, “poderia parecer que, se o valor de uma mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho despendida em sua produção, quanto mais inábil for o homem, tanto maior será o valor de sua mercadoria, pois necessitará de mais tempo para produzi-la” (MARX, 2013, p. 116 e 117), obviamente que isso é ilógico. Em Marx, o trabalho para ser incorporado na mercadoria enquanto valor, não é o trabalho concreto – a real quantidade de trabalho despendido na fabricação, mas sim “a quantidade de trabalho socialmente necessário para a produção” (MARX, 2013, p. 116) o trabalho abstrato que ao ser incorporado à mercadoria define seu valor.

Segundo Marx, para entendermos plenamente o duplo caráter do trabalho, teremos de voltar às análises relacionadas ao Valor de Troca, porém, de forma mais detalhada, deslocando sua análise para a natureza dupla do trabalho produtor de mercadorias – trabalho concreto e trabalho abstrato. Como na relação linho e casaco, ambos “são valores de uso qualitativamente distintos, também o são os trabalhos que os produzem – alfaiataria e tecelagem” (MARX, 2013, p. 119), caso não houvesse tal distinção ambas não poderiam se confrontar enquanto mercadorias, não sendo possível trocar linho por linho por exemplo.

2.2.1 Trabalho Concreto

Como analisado anteriormente, o trabalho produtor de mercadorias possui duplo caráter: o trabalho concreto, responsável pela criação de valores de uso e o trabalho abstrato responsável pela definição do valor. O trabalho concreto, ou também chamado de trabalho útil, é definido por Marx como “dispêndio de força de trabalho humano de uma determinada forma e como um objetivo definido e é essa qualidade de trabalho

momento, de uma propriedade, de uma característica intrínseca a cada mercadoria, propriedade essa que é social (não natural) e que consiste no “poder de compra”, no poder de atração que possui essa mercadoria sobre as demais e que permite que ela tenha aqueles valores de troca determinados e não outros menores ou maiores. Esse poder de compra está relacionado, numa primeira análise, à riqueza mercantil que a sociedade reconhece na sua existência (a quantidade de trabalho socialmente necessário). É aí que fica determinado que a magnitude do valor é a magnitude da riqueza mercantil que foi produzida pelo trabalho social, pelo esforço produtivo da sociedade desviado eventualmente de outros fins. (CARCANHOLO, Reinaldo Antônio, **Elementos básicos da teoria do valor**, p. 05. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/934139/mod_resource/content/1/elementos%20b%C3%A1sicos2.pdf f. Acessado em 05/07/2017.

concreto útil que produz valores de uso” (MARX, 2013, p. 119). Porém, o caráter útil do trabalho deve possuir relação com o meio social – é necessário que o produto seja útil/necessário para outras pessoas, “o trabalho, cuja utilidade se representa, assim, no valor de uso de seu produto, ou no fato de que seu produto é um valor de uso, chamaremos aqui, resumidamente, de trabalho útil.” (MARX, 2013, p. 119).

Imaginemos o seguinte exemplo: um sapateiro, instigado pela ascensão momentânea da economia, produz mais produtos do que absorvido pelo mercado normalmente. Ao ter em mãos um estoque considerável de sapatos, está sujeito às intempéries e oscilações do mercado. Se, por exemplo, a tendência na utilização do modelo de sapatos por ele produzidos, mudar drasticamente, seu produto não será mais considerado como mercadoria, mesmo que trabalho concreto/útil tenha sido despendido em sua fabricação, “é preciso que o produto, por meio da troca, seja transferido a outrem, a quem vai servir como valor de uso” (MARX, 2013, p. 119), caso contrário, todo o trabalho despendido em sua fabricação, não será considerado como trabalho criador de valor, sendo todo o trabalho despendido em sua fabricação inútil pela ótica mercantil – o valor de uso só se efetiva realmente após o processo de troca/comercialização estiver concretizado – a quantidade de trabalho se transforma em mercadoria.

Para Marx, a forma com que o trabalho é desenvolvido de forma concreta não possui nenhuma implicação negativa, a manutenção da vida humana depende do dispendido da força de trabalho humano bem como de sua capacidade de criação:

O homem confronta a matéria natural como com uma potência natural. A fim de se apropriar da matéria natural de forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade. Seus braços e pernas agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 2013, p. 255).

O trabalho humano é o responsável pela condição de possibilidade do desenvolvimento da forma com que as pessoas vivem, transforma a natureza em prol de suas próprias necessidades e ao fazê-la, transforma sua própria forma de existência. O trabalho é constituinte da vida humana – evolui paralelamente com ela, modifica-se constantemente no espaço e no tempo, “o trabalho é assim, uma condição da existência do homem, independente de todas as formas sociais” (MARX, 2013, p. 120).

Em nossa interpretação, a dualidade do trabalho apresentada por Marx, tal quais: trabalho concreto e trabalho abstrato faz parte de uma forma específica de sociedade: a

sociedade capitalista. A concretude do trabalho tem relação próxima com as outras formas de sociedades “menos desenvolvidas”, em que a relação de troca apresenta-se de forma mais direta e objetiva, ou até mesmo com formas de sociedades mais desenvolvidas, tendo como fundamento relações pautadas na objetividade das atividades desenvolvidas.

Independente da forma como a sociedade estabelece suas relações, é visível que a existência humana está condicionada a satisfação das necessidades de cada indivíduo. Tais necessidades, normalmente não podem ser satisfeitas unicamente pela atividade produtiva individual, é fundamental que haja a relação de troca. Dessa forma, Marx afirma que “no conjunto dos diferentes valores de uso ou corpo das mercadorias, aparece um conjunto igualmente diversificado, dividido segundo o gênero, a espécie, a família e a subespécie, de diferentes trabalhos úteis – uma divisão social do trabalho” (MARX, 2013, p. 119 e 120).

Em determinadas regiões, por exemplo, não há possibilidade da pesca e nem da criação de peixes – não existem estruturas para tal, já, em contrapartida, a produção de gado e de leite é predominante nessa região, tornando fundamental que ambos os produtos sejam trocados para satisfazer as necessidades de cada região. Temos aqui uma divisão social do trabalho: determinado grupo de pessoas cria gado, outro grupo produz o leite e, por fim, outro grupo cria peixes. Sendo assim com todas as formas de trabalho existentes. Para Marx, “a existência do casaco, do linho e de cada elemento da riqueza material não fornecida pela natureza teve sempre de ser mediada por uma atividade produtiva especial, direcionada a um fim, que adapta matérias naturais específicas a necessidades humanas” (MARX, 2013, p. 120).

Dois pontos precisam ser analisados a partir do que foi apresentado anteriormente, primeiro: Marx pressupõe a divisão social do trabalho de acordo com as necessidades de cada indivíduo, porém, existem diversos produtores para um mesmo produto – condicionando assim a produção não apenas pela necessidade, mas pela concorrência. E segundo, que “o trabalho não é a única fonte de riqueza material. O trabalho é o pai da riqueza material (...) e a terra é a mãe” (MARX, 2013, p. 121) e identificar “esses diversos aspectos e, portanto, as múltiplas formas de uso das coisas é um ato histórico. Assim como é um ato histórico encontrar as medidas sociais para a quantidade das coisas úteis” (MARX, 2013, p. 113 e 114).

O trabalho concreto e útil é o responsável pelo direcionamento das mercadorias ao mercado, as condições pelas quais são produzidas, bem como sua forma, garantem a

possibilidade de troca, mas a troca não existe apenas enquanto possibilidade é preciso efetivá-la de alguma forma – equiparar quantitativamente distintas mercadorias.

2.2.2 Trabalho Abstrato

O trabalho enquanto uma dualidade obriga os trabalhadores (produtores de mercadorias) a assumirem a forma genérica imposta pelo mercado. Os diversos trabalhos úteis são executados de modo independente uns dos outros como negócios privados de produtores autônomos. A esfera da produção não tem ligação aparente com a comercialização de produtos manufaturados, “esta divisão social do trabalho é organizada de modo a ligar necessariamente a produção ao consumo [...] sem passar pela instância tortuosa e acidental do mercado” (ANTUNES, 2005, p.44), caracterizando assim a sociedade capitalista burguesa.

Na análise desta forma de sociedade, devemos investigar o que nela há de mais específico e o que a distingue de outras formas sociais, em síntese, o caráter abstrato do trabalho, que segundo o dicionário do pensamento marxista “cria valor e é chamado de trabalho abstrato” (BOTTOMORE, 2013, p. 599).

A diversidade de trabalhos concretos e úteis é imensurável, porém precisa existir para que a permuta e o mercado existam, atendendo assim as necessidades mais diversas. Marx procura demonstrar como essa diversidade de trabalhos úteis, seus agentes e suas mercadorias aparecem no mercado. Dessa forma “alfaiataria e tecelagem, embora atividades produtivas qualitativamente distintas, são ambas dispêndio produtivo de cérebro, músculos, nervos, mãos etc. humanos e, nesse sentido, ambos são trabalho humano” (MARX, 2013, p. 121), portanto, a forma aparente, “o valor da mercadoria representa unicamente trabalho humano, dispêndio de trabalho humano” (MARX, 2013, p. 122).

Se a quantidade de trabalho despendido na fabricação de algo é o que equipara as mercadorias quantitativamente para mediante troca, como distinguir entre o trabalho complexo de um banqueiro com o trabalho simples de um varredor de rua, visto que o grau de complexidade entre um e outro é altamente relevante?

O caráter abstrato do trabalho está aparentemente desprendido de toda e qualquer forma exterior do trabalho concreto. Todas as características concretas do trabalho são reduzidas a algo comum. Independente se o trabalho exige alto grau de

habilidade ou se as habilidades exigidas são mínimas, deve ser considerado a partir de suas características mais simples:

Ele é dispêndio de força de trabalho simples que, em média, toda pessoa comum, sem qualquer desenvolvimento especial, possui em seu organismo corpóreo. O próprio trabalho simples médio varia, decerto, seu caráter em diferentes países e épocas culturais, porém é dado sempre numa sociedade existente. O trabalho mais complexo vale apenas como o trabalho simples potenciado ou, antes, multiplicado, de modo que uma quantidade menor de trabalho mais complexo é igual a uma quantidade maior de trabalho simples (MARX, 2013, p. 122).

Um marceneiro, por exemplo, para poder exercer suas funções de forma satisfatória, além de ter que estudar por muito tempo sobre o ofício, precisa desembolsar determinada quantidade de ativos sem ter remuneração imediata para tal. Já um lenhador, por exemplo, aprende seu ofício em muito pouco tempo, sua atividade é remunerada em paralelo com o dispêndio de sua força produtiva. Os riscos são mínimos, pois o investimento foi baixo, o aprendizado durou muito pouco tempo e as ferramentas utilizadas podem ser repassadas. Ambos ao atuarem com suas respectivas funções demonstram que “uma quantidade menor de trabalho complexo é igual a uma quantidade maior de trabalho” (MARX, 2013, p. 122). Não existe um padrão estabelecido para definir tais distinções. Segundo Marx, o que demonstra a real efetividade dessa distinção é a experiência cotidiana e o desenvolvimento histórico da sociedade.

Os trabalhadores não tem o poder de definir a quantidade de trabalho simples que seu trabalho efetivo representa. A diversidade de trabalhos complexos e as mais distintas formas de dispêndio de trabalho presentes no mercado bem como a infinidade de necessidades existentes, condicionam o processo de redução/abstração.

As diferentes proporções em que os diferentes tipos de trabalho são reduzidos ao trabalho simples como sua unidade de medida são determinadas por meio de um processo social que ocorre pelas costas dos produtores e lhes parecem, assim, ter sido legados pela tradição (MARX, 2013, p. 122).

O trabalho em suas mais distintas formas é reduzido a sua forma mais simples. O desenvolvimento histórico social e a experiência humana atuam sobre o homem como se regulassem suas ações. Essa forma de manifestação do trabalho possibilita a comercialização entre mercadorias produzidas pelo trabalhador. A redução do trabalho complexo ao trabalho simples é algo que ocorre, como diz Marx, pelas costas dos trabalhadores, sem que o mesmo tenha autonomia sobre isso.

Marx não desenvolve este raciocínio de forma mais detalhada. O desenvolvimento histórico da sociedade capitalista e os legados de suas tradições, se analisados com mais propriedade, podem esclarecer detalhadamente esse processo de complexificação e redução. A partir de agora, o trabalho simples passa a representar todo o tipo de força de trabalho – trabalhos complexos são reduzidos a suas formas mais simples, e as mesmas representam sua forma aparente. Marx afirma que “o casaco tem o dobro do valor de 10 braças de linho” (MARX, 2013, p. 122 e 123), essa diferença se dá pelo fato de que o trabalho despendido na fabricação do casaco é o dobro maior do que na produção do linho. Mas e se o alfaiate reduzir sua capacidade de trabalho e aumentar o tempo despendido para a produção do casaco, ele agregará mais valor ao seu produto por conta da redução do tempo médio de fabricação? Obviamente que não, pois, segundo Marx a diferença entre as grandezas de valor entre linho e casaco provém “do fato de que o linho contém somente a metade do trabalho contido no casaco, pois para a produção do último requer-se um dispêndio de força de trabalho durante o dobro do tempo necessário para a produção do primeiro” (MARX, 2013, p. 123).

Mas o que seria esse tempo necessário, à quantidade de tempo individualmente necessário para a fabricação de algo ou a quantidade de tempo “socialmente” necessário para a produção de algo? Obviamente que a quantidade de tempo socialmente necessário, pois caso contrário, os trabalhadores com menores condições de produção, menos capacidade e desprovidos de agilidade possuiriam as mercadorias com maior valor agregado. Nesse sentido, interpretamos as condições de trabalho aceitáveis enquanto condições médias de produção em determinada localidade e em determinado tempo. Para Marx, o trabalho socialmente necessário “é aquele requerido para produzir um valor de uso sob as condições socialmente normais existentes e com o grau médio de destreza e intensidade do trabalho” (MARX, 2013, p. 117). Exemplificaremos isso da seguinte forma: em determinada região, existem cinco produtores do mesmo estilo de casaco, dois deles levam seis horas para a produção de cada unidade, um deles leva sete horas e os outros dois apenas cinco, gerando assim uma média de quase seis horas para a produção de cada casaco. Se estes produtores levarem seus produtos ao mercado, definindo seu valor pela quantidade real de horas despendidas na fabricação, os que levaram mais tempo para produzi-los talvez não consigam vendê-los, enquanto o produtor que despendeu menos tempo na produção venderá seu produto com maior facilidade pelo seu real valor, sendo que “apenas a quantidade de trabalho socialmente necessário ou o tempo socialmente necessário de trabalho para a produção de um valor

de uso pode determinar sua grandeza de valor” (MARX, 2013, p. 117) – seu valor propriamente dito.

Sendo assim, “somos imediatamente forçados a perguntar: o que é socialmente necessário? Como isso é estabelecido, e por quem? Marx não dá uma resposta imediata, mas esse é um tema que percorre de ponta a ponta *O Capital*: quais são as necessidades sociais embutidas no modo de produção capitalista?” (HARVEY, 2013, p. 30). A impressão que temos é que existe algo que condiciona a ação humana, que regula os meios produtivos, exemplo disso é o aumento na força produtiva, fator esse que aumenta automaticamente a capacidade de produção em um mesmo intervalo de tempo.

As condições normais de produção, o grau médio de destreza dos trabalhadores e o grau médio de intensidade do trabalho não é algo estável – estático – imóvel, “quanto menor a força produtiva do trabalho, menor é o tempo de trabalho requerido para a produção de um artigo, menor a massa de trabalho nele cristalizado e menor seu valor” (MARX, 2013, p. 118) e vice-versa. Os trabalhadores não conseguem mais fabricar seus produtos a partir de suas próprias condições individuais, passam a atuar com base no valor socialmente aceitável imposto pelo mercado. Por mais que o trabalho seja de difícil execução, se não estiver de acordo com os padrões médios aceitáveis pelos meios sociais, não gerará o retorno justo e adequado por tal atividade produtiva.

2.2.3 Valor

Marx inicia sua exposição sobre a estrutura do sistema de produção capitalista, apresentando-nos a mercadoria como seu pilar fundamental. Para Marx, as mercadorias em suas características mais aparentes apresentam-se como uma dualidade: valor de uso e valor de troca. As trocas aparentavam ser desenvolvidas de forma relativa, puramente acidental, condicionada ao espaço e ao tempo no qual seus agentes estavam inseridos.

Nesse sentido chegamos a conclusão de que o capital enquanto modo de produção não é algo estático e imóvel, modifica-se constantemente – desdobra-se em novas formas sem perder suas características essenciais. Modifica-se constantemente em sua aparência – oculta determinadas características no meio social, criando assim novas formas de manifestações sociais. A mercadoria, nesse sentido, assume as mesmas características – a de desdobrar-se constantemente.

Como você pode notar Marx não precisou de mais do que quatro páginas, cheias de asserções enigmáticas, para lançar os conceitos fundamentais e conduzir a argumentação do valor de uso para o valor de troca, para o trabalho humano abstrato e para o valor como geleia de trabalho humano indiferenciado. É seu valor que torna as mercadorias comensuráveis, e esse valor é tanto ocultado como uma “objetividade fantasmagórica” quanto operante nos processos de troca de mercadorias (HARVEY, 2013, p. 28).

A dualidade da mercadoria (valor de uso e valor de troca) adquire novas formas de manifestação de acordo com a consolidação dos meios no qual a mercadoria está inserida. A divisão social do trabalho proporciona cada vez mais a dependência externa de produtos essenciais para a manutenção da vida humana. Com isso podemos reinterpretar o valor de troca como “o modo necessário da expressão ou forma de manifestação do valor” (MARX, 2013, p. 117). As relações que antes eram efetivamente concretas, entre produtores e compradores de mercadorias, adquirem uma nova forma – um padrão de mediação no processo de troca: a quantidade de trabalho útil, em caráter social médio equipara quantitativamente mercadorias de qualidades diferentes, possibilitando assim a troca. Nesse processo de abstração, as características qualitativas bem como a concretude do trabalho são afastadas, refletindo diretamente na forma com que a sociedade estrutura assim como são estabelecidas as relações sociais.

O valor de troca não deixa de existir em função do valor, “é uma representação necessária do trabalho humano incorporado nas mercadorias. Quando vamos ao supermercado podemos descobrir os respectivos preços, mas não podemos ver ou medir diretamente o trabalho humano incorporado nas mercadorias”. (HARVEY, 2013, p. 28). Os agentes econômicos do mercado acabam por abstrair as características gerais do processo produtivo e suas mercadorias em função de apenas uma característica: o valor, tanto os compradores como os produtores tornam-se inconscientes – passam a atuar a partir de algo abstrato, vejamos o exemplo:

Que a abstração ocorra no momento da troca imediata, que, por exemplo, ao fazer compras no supermercado, não abstraímos conscientemente do fato de que o tomate é vermelho, suculento, redondo, mas fazemos isso de fato (sem sequer pensarmos sobre isso): reduzimos os diferentes e incomparáveis valores de uso a algo que é comparável mediante a troca um com o outro, em uma relação quantitativa específica (BRUSCHI et al. 2016, p. 40).

Sendo assim, chegamos à conclusão que o “valor de troca é o que se obtém em troca de uma mercadoria, a forma de manifestação do valor. Valor é a substância social comum a todas as mercadorias ‘objetividade fantasmagórica’” (BRUSCHI, et al. 2016, p. 42). O valor de uso é deixado em suspenso a partir do momento em que uma

mercadoria é direcionada ao mercado. Sua utilidade só é efetivada após a troca. A troca é condicionada pela quantidade de trabalho abstrato que foi cristalizado na mercadoria. O valor enquanto unidade quantitativa de medida “só pode se manifestar numa relação social entre mercadorias” (MARX, 2013, p. 125). O valor se torna condição fundamental do capital e só se efetiva realmente assim que o processo de troca é concretizado. O valor de troca contém o próprio valor como base e vice e versa, porém o valor só se tornará valor se alguém considerá-lo como útil efetivando a troca, caso contrário, por mais que tenha sido despendido trabalho humano na produção de algo, não possuirá valor e todo o trabalho despendido em sua fabricação terá sido inútil assim como os materiais utilizados, desperdiçados.

Podemos dizer que os valores de troca originam o valor? São os valores de troca que originam o valor de uso, ou o inverso? Essa não é uma análise causal. Ela diz respeito as relações, a relações dialéticas. Podemos falar do valor de troca sem falar do valor de uso? Não, não podemos. Podemos falar do valor sem falar do valor de uso? Não. Em outras palavras, não podemos falar de nenhum desses conceitos sem falar dos outros. Eles são mutuamente dependentes, são relações numa totalidade de determinado tipo (HARVEY, 2013, p. 28).

A partir dessas análises, podemos perceber que Marx nos dá pistas de que essa forma aparente do valor se desdobrava em novas formas cada vez mais sociais e abstratas. Quanto mais as estruturas capitalistas e as relações sociais se consolidam, mais as características reais dão lugar às características aparentes e abstratas, e mais as relações sociais nesse meio podem ser consideradas mascaradas e ilusórias – distantes da realidade sensível de toda a cadeia produtiva.

3 GÊNESE E ESTRUTURA DA FORMA DINHEIRO

De acordo com Marx, o processo mercantil desdobra-se constantemente em categorias cada vez mais abstratas, as relações mercantis estabelecidas nesse contexto aparentam ser independentes de seus agentes e de qualquer característica sensível desse processo. O conceito de valor anteriormente apresentado por Marx será analisado agora apenas pela ótica mercantil – pela relação apenas entre mercadorias, ou seja: como as relações objetivas entre produtores, compradores e vendedores de mercadorias desdobraram-se no decorrer do tempo, ocultando-se em função da relação direta das mercadorias e seus respectivos valores?

Para Marx não podemos identificar o valor de uma mercadoria a partir de suas características sensíveis, “o valor é uma relação social, e não podemos ver tocar ou sentir diretamente as relações sociais; no entanto, elas têm uma presença objetiva” (HARVEY, 2013, p. 41), e apesar de possuir tal presença objetiva (suas formas corpóreas) o que realmente rege tais relações é algo impossível de ser mensurado ou quantificado, pois, “na objetividade de seu valor não está contido um único átomo da matéria do valor” (MARX, 2013, p. 125). Mesmo que aparentemente algo parece possuir valor, é impossível mensurá-lo sem que haja a interação social com outras mercadorias no processo mercantil, sendo assim “todas as tentativas de medir diretamente o valor estão fadadas ao fracasso” (HARVEY, 2013, p. 42) – nenhuma mercadoria possui valor de forma isolada, o valor é algo socialmente estabelecido.

As mercadorias possuem objetividade de valor apenas na medida em que são expressões da mesma unidade social, do trabalho humano, pois sua objetividade de valor é puramente social e, por isso, é evidente que ela só pode se manifestar numa relação entre mercadorias (MARX, 2013, p. 125).

A objetividade do valor ofusca toda a realidade da mercadoria e seus agentes, a análise das características sensíveis e concretas relacionadas à produção e comercialização de mercadorias não são suficientes para demonstrar o desdobramento do valor enquanto mediador das trocas entre mercadorias, sendo necessário:

Realizar, o que jamais foi tentado pela economia burguesa, a saber, provar a gênese da forma-dinheiro, portanto, seguir de perto o desenvolvimento da expressão de valor contida na relação de valor das mercadorias, desde sua forma mais simples e opaca até a ofuscante forma-dinheiro (MARX, 2013, p. 125).

Dessa forma, Marx parte da análise das relações mais simples entre duas mercadorias – a troca direta entre duas mercadorias, demonstrando como a realidade

sensível e concreta entre as mesmas e suas relações efetivas são ofuscadas com o desdobramento do valor em novas formas, chegando assim à forma-dinheiro ou o dinheiro propriamente dito. Dessa forma “partimos do valor de troca ou da relação de troca das mercadorias para seguir as pegadas do valor que nelas se esconde. Temos, agora, de retomar a essa forma de manifestação do valor” (MARX, 2013, p. 125).

A análise do valor de troca enquanto condição essencial na relação mercantil entre duas mercadorias distintas é para Marx o momento inicial para que seja possível seguir o desenvolvimento da forma valor até seu desdobramento na forma-dinheiro, ou seja, “não existe nenhuma pressuposição além de duas mercadorias distintas, nem relação com outras expressões de valor” (cf. BRUSCHI et al. 2016, p. 56), a relação de valor é considerada de forma isolada e individual. Na equação “20 braças de linho = 1 casaco ou: 20 braças de linho têm o valor de um casaco” (MARX, 2013, p. 125), o linho exerce a posição ativa, em que 20 varas de linho estão na mesma proporção de valor de um casaco. Nessa relação conseguimos apenas identificar diretamente o valor do linho, mas e se perguntássemos qual é o valor do casaco? Não saberíamos responder com base apenas nas informações anteriormente apresentadas. Com isso concluímos que o casaco representa um papel passivo, “o valor da segunda mercadoria se apresenta como valor relativo, ou encontra-se na forma de valor relativo” (MARX, 2013, p. 126), ou seja, uma mercadoria expressa seu valor em outra mercadoria distinta qualitativamente, o linho não pode expressar seu valor no próprio linho, é fundamental que haja a relação entre ativo e passivo, uma mercadoria específica não pode estar em ambas as posições ao mesmo tempo – a relação de troca precisa necessariamente que, uma das mercadorias esteja na posição relativa e a outra na posição de equivalente. Por exemplo: “eu tenho uma mercadoria, você tem outra mercadoria. O valor relativo da minha mercadoria será expresso em termos de valor (o trabalho incorporado) da mercadoria que você possui. Assim, sua mercadoria será a medida de valor da minha mercadoria” (HARVEY, 2013, p. 39). Para Marx, todo indivíduo que detenha alguma mercadoria possui algo com valor relativo, algo que para ser comercializado, precisa relacionar-se com outra mercadoria, algo que para expressar seu valor necessita encontrar outra mercadoria que exerça o papel de equivalente, “em uma situação simples de escambo, todo indivíduo que tenha uma mercadoria possui algo com valor relativo e está à procura de seu equivalente em outra mercadoria” (HARVEY, 2013, p. 39). O padeiro, por exemplo, ao finalizar o processo de produção de seu pão, precisa sair em busca de algo que possa relacionar-se com seu produto em condição de equivalente. Nesse contexto, o padeiro

produziu seu pão com o objetivo de trocá-lo por algo que lhe for necessário, em nosso exemplo, o leite – essencial para alimentar sua família e para continuar fabricando seus pães. O leite equivale à determinada quantia de pão, o pão ao relacionar-se com o leite demonstra seu valor – obviamente que nas devidas proporções.

Se uma mercadoria se encontra na forma de valor relativa ou na forma contrária, a forma de equivalente é algo que depende exclusivamente de sua posição eventual na expressão de valor, isto é, se num dado momento ela é a mercadoria cujo valor é expresso ou a mercadoria no qual o valor é expresso (MARX, 2013, p. 125).

Nessa equação conseguimos identificar apenas o valor dos pães, valor esse que se apresenta a partir da relação com o leite. O padeiro sabe quanto trabalho foi despendido para a produção de seu pão, porém não sabe nada sobre o leite. O caráter equivalente do leite é algo dado pela experiência, não sabemos nada sobre ele, sendo assim, fundamental uma análise mais detalhada sobre os dois polos dessa relação, tal quais: relativo e equivalente.

Segundo Marx, a relação simples entre duas mercadorias, na qual uma atua como relativa e outra como equivalente, contém em sua própria estrutura a resolução do enigma da forma dinheiro, ou seja, como todas as características sensíveis das mercadorias são ocultadas em função da relação com apenas uma mercadoria, o dinheiro.

3.1 Forma de valor relativo

Na relação de troca entre duas mercadorias distintas, em nosso exemplo o linho e o casaco – é fundamental que ambas expressem suas grandezas comensuráveis. Todas as características sensíveis são reduzidas a algo comum entre ambas: o trabalho abstrato, ou seja, “coisas diferentes só podem ser comparadas quantitativamente depois de reduzidas à mesma unidade” (MARX, 2013, p. 127). O trabalho humano em caráter médio, abstraído e incorporado no corpo da mercadoria possibilita a expressão de sua grandeza, “constituem o fundamento para que a mercadoria obtenha uma forma de valor no corpo de outra mercadoria” (BRUSCHI et al.2016, p. 58), ou seja, ao entrar no mercado torna-se passiva de troca, comensurável com outra mercadoria qualquer - são representadas pela mesma unidade de medida.

Na equação, o valor do linho, certa quantidade de trabalho genérico, certo tempo dos homens, de suas vidas e de suas energias gastas na produção do linho, vem a superfície exterior das trocas sob a forma enganosa de 1 casaco. Este determinado tempo de vida dos homens gastos na produção ganha expressão autônoma sob a forma de valor de troca. O valor de troca se desprende, assim, nesta equação mais simples, de toda referência imediata com o trabalho, parecendo por natureza, valor (ANTUNES, 2005, p. 57).

A redução das características sensíveis da mercadoria bem como de seus processos produtivos é a forma pela qual as mercadorias aparecem no mercado, “pois apenas como valor o linho pode se relacionar com o casaco enquanto equivalente ou algo com ele permutável” (MARX, 2013, p. 127). O valor possibilita a expressão de algo igual entre as mercadorias, e não a verdadeira realidade da mercadoria, “seu caráter de valor manifesta-se aqui por meio de sua própria relação com outras mercadorias” (MARX, 2013, p. 127), as relações que ocorrem anteriormente ao processo de circulação não são aparentes.

Marx distingue esse movimento em dois momentos distintos: a mercadoria enquanto valor e a mercadoria na relação de valor com outra mercadoria: “como valores, as mercadorias não são mais do que geleias do trabalho humano, por isso, nossa análise as reduz à abstração de valor, mas não lhe confere qualquer forma de valor distinta de suas formas naturais. Diferente é o que ocorre na relação de valor de uma mercadoria com outra” (MARX, 2013, p. 127), por exemplo, um casaco representa muito mais na relação com outra mercadoria do que fora dela. Na relação com outra mercadoria pode atuar como relativa ou equivalente à outra mercadoria – expressa valor ou serve de base para tal e fora dessa relação apresenta-se apenas como valor de uso.

Dessa forma “o valor da mercadoria linho, é expresso no corpo da mercadoria casaco, sendo o valor da mercadoria expresso no valor de uso da outra” (MARX, 2013, p. 129). Enquanto valor de uso, linho e casaco são fisicamente distintos, mas enquanto valor são idênticos. Linho e casaco, nas proporções adequadas não possuem nada de diferente enquanto expressão de valor, e “para dizer que seu próprio valor foi criado pelo trabalho, na qualidade abstrata de trabalho humano, ele diz que o casaco, na medida em que lhe equivale – ou seja, na medida em que é valor –, consiste do mesmo trabalho que o linho” (MARX, 2013, p. 129).

Com base nesse movimento, o movimento de relação entre duas mercadorias, a forma natural da mercadoria casaco converte-se na forma de valor da mercadoria linho, ou o corpo da mercadoria casaco se converte no espelho do valor da mercadoria linho. Ao relacionar-se com a mercadoria casaco como corpo de valor, como materialização

de trabalho humano, a mercadoria linho transforma o valor de uso do casaco em material de sua própria expressão de valor. O valor da mercadoria linho, assim expresso no valor de uso da mercadoria casaco, possui a forma de valor relativo (cf. MARX, 2013, p. 129 e 130).

Para a produção de 20 braças de linho, por exemplo, o tecelão leva normalmente 8 horas em condições normais, a grandeza de valor relativa da mercadoria permanecerá sempre a mesma. Mas caso ocorra alguma mudança na força produtiva, como é o caso da evolução tecnológica embutida no processo, o linho será produzido em menor valor, influenciando diretamente em sua grandeza de valor relativo. Marx afirma que o tempo de trabalho necessário, por exemplo, para a produção de 20 braças de linho ou para a produção de um casaco “muda com cada alteração na força produtiva da tecelagem ou da alfaiataria. A influência de tais mudanças na expressão relativa da grandeza do valor tem, por isso, de ser investigada mais de perto” (MARX, 2013, p. 130), para isso apresenta-nos três momentos distintos no qual essas mudanças estão presentes.

A mudança na força produtiva de apenas um dos polos da relação de troca, nesse caso, na produção do linho:

O valor do linho varia enquanto o valor do casaco permanece constante (...), o valor relativo da mercadoria A, isto é, seu valor expresso na mercadoria B, aumenta e diminui na proporção direta da variação do valor da mercadoria A em relação ao valor constante da mercadoria B (MARX, 2013, p. 130).

Se os alfaiates de determinada região produzissem uma quantidade de casacos que garantisse a demanda para todo o inverno, não precisariam produzir mais casacos por determinado tempo, mantendo-se constante na relação com outras mercadorias. Por mais que as forças produtivas do linho sofram alterações, a grandeza de valor do casaco permanece inalterada no período, mesmo que o linho seja essencial para a produção do casaco, não interferirá momentaneamente na grandeza de valor do casaco. Se o tecelão, responsável pela produção do linho, relacionar sua mercadoria diretamente com o casaco, o valor de sua mercadoria, expresso no casaco sofrerá as variações resultantes das mudanças do processo produtivo, mas o casaco não. O movimento contrário da relação linho e casaco: o valor do linho permanece constante enquanto o valor do casaco varia, “permanecendo constante o valor da mercadoria A, aumenta ou diminui, portanto, seu valor relativo, expresso na mercadoria B, em proporção inversa a variação de valor de B” (MARX, 2013, p. 131).

Imaginemos que o inverno terminou e todos os casacos foram vendidos. Os alfaiates necessitam produzir mais para o próximo ano, porém agora a tecelagem desenvolveu uma nova técnica que melhorou a eficiência dos processos produtivos. O casaco ao adentrar na relação com o linho possui uma grandeza de valor diferente da anterior, fazendo com que o valor relativo do linho mude em função de sua expressão na mercadoria casaco em proporção inversa de valor. A variação na grandeza do valor pode derivar de inúmeras causas – absolutamente opostas como, por exemplo: aperfeiçoamento dos processos produtivos, escassez de determinado produto, o clima, etc.

A mudança simultânea das quantidades de trabalho necessárias a produção do linho e do casaco ao mesmo tempo, na mesma direção e nas mesmas proporções.

O valor relativo de uma mercadoria pode variar, embora seu valor se mantenha constante. Seu valor relativo pode permanecer constante, embora seu valor varie, e, finalmente, variações simultâneas em sua grandeza de valor e na expressão relativa dessa grandeza não precisam de modo algum coincidir entre si (MARX, 2013, p. 131).

Nesse exemplo, o linho e o casaco sofrem alterações em suas forças produtivas, tanto a mercadoria que se expressa relativamente com outra, como a mercadoria que tem seu valor expressado na relação de troca sofrem alterações, modificando assim os dois polos da relação, ressaltando que a mesma mercadoria pode estar nos dois polos da relação, desde que não ao mesmo tempo.

Toda vez que a força produtiva sofrer mudanças, seja na tecelagem, na alfaiataria ou nas mais infinitas formas de produção, a relação de troca sofrerá mudanças. A relação entre o linho e o casaco permanecerá constante qualitativamente, independente das mudanças nas forças produtivas – tais mudanças influenciarão diretamente nas proporções quantitativas de cada qual na relação de troca.

Como apresentado anteriormente, a relação simples entre duas mercadorias precisa necessariamente que a mercadoria *A* relacione-se de forma relativa com a mercadoria *B*, que como forma equivalente expressa a grandeza de valor no processo de troca. A forma relativa não possui nenhuma dificuldade de análise, suas formas são totalmente aparentes. A dificuldade da questão está na forma equivalente da mercadoria, ou seja, como uma mercadoria pode ser suporte material para a expressão de valor de outra mercadoria? Como o linho por si só pode representar a grandeza de valor da relação sem levar em conta (de forma direta) o trabalho incorporado no casaco?

3.2 Forma de valor equivalente

Se analisarmos as relações de troca mais detalhadamente, percebemos que “o tempo de trabalho socialmente necessário não pode operar como regulador daquilo que está ocorrendo diretamente, por que é uma relação social” (HARVEY, 2013, p. 45), o trabalho incorporado na mercadoria enquanto grandeza de valor faz parte do processo, porém não em sua totalidade, o linho não possui valor em si mesmo, apenas na relação com o casaco. No polo equivalente da relação, o trabalho abstrato está oculto, “o enigmático da forma valor é exatamente esta capacidade que determinado valor de uso aparenta possuir para representar o valor de outra mercadoria” (ANTUNES, 2005, p. 62).

Quanto mais o sistema se consolida, mais as mercadorias atuam no processo mercantil aparentando possuir autonomia, o exercício constante de trocas entre as mais diversas mercadorias possibilita que, a partir da experiência, do hábito social, seja possível efetivar as trocas com base apenas na forma aparente da mercadoria, ocultando assim toda a sua realidade sensível e objetiva: “o fantástico da forma equivalente reside em que ela esconde todo esse quiproquó que confere ao casaco a capacidade de servir como equivalente na relação de troca com o linho” (ANTUNES, 2005, p. 62).

Em uma relação de equivalência entre mercadorias, a troca é efetivada de forma direta, certa quantidade de linho equivale a um casaco: “a forma de equivalente de uma mercadoria é igual à forma de sua permutabilidade direta com outra mercadoria: o casaco é diretamente permutável ao linho” (BRUSCHI et al. 2016, p. 60). Como uma mercadoria pode atuar como equivalente na relação de troca entre duas mercadorias? Como equiparar ambas as mercadorias tendo como base apenas uma? Como efetivar a troca levando em consideração que “o casaco é uma incorporação do valor apenas em relação com o linho. E que fora isso, ele é meramente valor de uso”? (cf. BRUSCHI et al. 2016, p. 60).

Marx demonstra que as relações de troca entre mercadorias acabam assumindo um caráter puramente social no decorrer do processo, “todas as mercadorias têm uma forma de valor distinta de suas próprias formas naturais, o que significa que o valor de todas as mercadorias tem uma forma independente” (BRUSCHI et al. 2016, p. 62). Ou seja, as atividades envolvidas no processo de fabricação de determinada mercadoria fazem parte da realidade de tal mercadoria, porém, ocultadas em seu direcionamento ao

mercado aparentam possuir valor próprio – em si e por si mesmo, mascarando assim toda sua realidade sensível em função de um valor puramente social, vejamos:

40 braças de linho “valem” – o quê? 2 casacos. Como o tipo de mercadoria casaco desempenha aqui o papel do equivalente, o valor de uso em face do linho como corpo de valor, uma determinada quantidade de casacos é também suficiente para expressar uma determinada quantidade de valor do linho (MARX, 2013, p. 132).

Marx, para exemplificar a relação de troca entre duas mercadorias, na qual uma atua enquanto relativa e outra como equivalente, correlaciona tal processo com a atividade de uma balança, por exemplo: para sabermos quanto pesa um saco de farinha, necessitamos correlacionar os pesos que fazem parte da balança – cada qual com suas definições já estabelecidas. Sabemos apenas a medida dos pesos utilizados na balança durante a pesagem, esse mecanismo reflete o peso da farinha. Não sabemos como surgiu a definição dos pesos que regulam a pesagem, porém, ele esboça o peso da farinha, “nessa relação o ferro figura como um corpo que não contém nada além de peso” (MARX, 2013, p. 133).

Em nosso exemplo inicial, o produtor de casacos, ao direcionar seus produtos ao mercado para trocar pelo linho, sabe quanto vale seu casaco na relação com o linho em expressão de valor. O linho não contém nada além de valor. Assim sendo, “o valor de uso se transforma na forma de manifestação de seu contrário, do valor” (MARX, 2013, p. 131), a forma natural da mercadoria torna-se valor.

Como nenhuma mercadoria se relaciona consigo mesma como equivalente e, portanto, tampouco pode transformar sua própria pele natural em expressão de seu próprio valor, ela tem de se reportar a outra mercadoria como equivalente ou fazer da pele natural de outra mercadoria a sua própria forma de valor (MARX, 2013, p. 133).

O alfaiate, ao produzir seu casaco, está condicionado às imposições que partem do mercado, “o corpo do casaco representa, quando confrontado com o linho, apenas valor” (MARX, 2013, p. 133), nada além de valor.

A relação de troca, como já apresentamos, desdobra-se constantemente em novas formas, dificultando cada vez mais a compreensão do enigma da forma-dinheiro. Isso ocorre pela complexidade com que tal questão se apresenta. Contudo, para Marx “uma expressão de valor tão simples como 20 braças de linho = 1 casaco já fornece a solução do enigma da forma equivalente” (MARX, 2013, p. 134).

As relações entre mercadorias deixam de ser diretas, passam a atuar autonomamente no decorrer do tempo – a experiência dos agentes de mercado juntamente com o desenvolvimento dos processos mercantis acaba por mascarar determinadas características da mercadoria e de seu processo produtivo em função de um processo de comercialização cada vez mais independente – desprendido de análises relacionais.

A partir disso, Marx negará conceitos já apresentados, conceitos esses que segundo ele não estão errados, servem apenas de abreviaturas para a formulação das formas mais consolidadas do capital.

Quando, no começo deste capítulo, dizíamos, como quem expressa um lugar comum, que a mercadoria é valor de uso e valor de troca, isso estava, para ser exato errado. A mercadoria é valor de uso – ou objeto de uso – e “valor”. Ela se apresenta em seu ser duplo na medida em que seu valor possui uma forma de manifestação própria, distinta de sua forma natural, a saber, a forma do valor de troca (MARX, 2013, p. 136).

De acordo com nossa compreensão, o que Marx está demonstrando a partir desse processo de negação de determinados conceitos em função de outros – mais desenvolvidos, tem relação com o desvelamento das características ocultas do capital. Para o autor a forma com que as mercadorias aparecem e se manifestam no mercado, não condiz com sua realidade concreta, sensível e efetiva, mas sim como se atuassem em um mundo paralelo, independente – o mundo das mercadorias. Marx afirma que sua “análise demonstrou que a forma de valor ou expressão de valor da mercadoria surge da natureza do valor das mercadorias, e não, ao contrário” (MARX, 2013, p. 137), sendo a natureza do valor, algo puramente social – independente de suas características sensíveis.

Com isso concluímos que a relação simples de mercadorias é insuficiente para explicar a realidade do valor no processo mercantil, o polo equivalente da relação é algo enigmático, que faz parte do mundo das mercadorias, sendo que num “primeiro olhar já mostra a insuficiência de valor simples, essa forma embrionária que só atinge a forma-preço através de uma série de metamorfoses” (MARX, 2013, p. 138). Sem compreendermos o papel do polo equivalente na relação de troca não é possível compreender os desdobramentos do valor enquanto gênese da forma dinheiro. Em nosso exemplo, “o casaco possui, na expressão relativa de valor do linho, apenas a forma de equivalente ou a forma de permutabilidade direta no que diz respeito a esse tipo individual de mercadoria: o linho” (MARX, 2013, p. 138), e quanto mais à mercadoria

se relaciona com toda a diversidade de mercadorias presentes no mercado “sua expressão individualizada de valor se transforma, assim, numa série sempre ampliável de suas diferentes expressões simples de valor” (MARX, 2013, p. 138), o que antes era uma relação direta entre linho e casaco passa agora a ser uma relação entre o linho com o casaco, com o trigo, com o ferro e assim por diante.

3.3 Os desdobramentos da forma valor

Marx apresentou-nos as definições do valor na relação simples entre duas mercadorias para demonstrar que o enigma da forma dinheiro não está nas formas mais desenvolvidas das relações de troca e sim em sua forma mais simplificada. Sendo assim, determinada mercadoria não atuará no mercado apenas em relação com uma única outra mercadoria, a pluralidade do processo de trocas é o que garante sua existência – a satisfação de necessidades pessoais depende de uma vasta gama de mercadorias, sendo assim, fundamental que o linho, por exemplo, fabricado pelo tecelão, se confronte com as mais distintas formas de mercadorias presentes no mercado: “o valor de uma mercadoria – do linho, por exemplo – é agora expresso em inúmeros elementos do mundo das mercadorias. Cada um dos outros corpos das mercadorias torna-se um espelho do valor do linho” (MARX, 2013, p. 138).

Desse modo, o linho passa a se relacionar ou tem capacidade de se relacionar com todas as mercadorias presentes no mercado, “por meio de sua forma de valor, o linho se encontra agora na relação social não mais com apenas outro tipo de mercadoria individual, mas com o mundo das mercadorias” (MARX, 2013, p. 139). Vejamos o exemplo: determinado produtor de chapéus produz em torno de cem unidades de seu produto por mês. Em sua região, não consegue vender toda sua produção mensal, pois mora em uma localidade pequena, com poucos habitantes. Com isso seu produto precisa ser direcionado para outras localidades, onde haja demanda. Ao fazer isso, o produtor dá autonomia ao produto de relacionar-se com outras mercadorias, sem distinção por sua forma. Quanto mais esses produtos se relacionam no processo de troca, mais independentes se tornam de seus produtores e mais o mundo das mercadorias se consolida no meio social. A relação direta entre equivalentes ganha espaço, padronizando de certa forma as relações mercantis enquanto modo de produção capitalista.

Nesse contexto toda accidentalidade da relação entre dois produtores desaparece e “torna-se evidente que não é a troca que regula a grandeza de valor da mercadoria, mas, inversamente, é a grandeza de valor da mercadoria que regula as relações de troca” (MARX, 2013, p. 139). A relação direta entre produtores e compradores de mercadorias desaparece (é ocultada) em função das formas mais desenvolvidas do valor. A grandeza de valor expressada socialmente possibilita as trocas, independente da realidade sensível da produção. O movimento de troca passa a ser regulado em função do valor puramente social que a mercadoria possui no mundo das mercadorias.

Retornando ao exemplo do linho podemos perceber que quanto mais ele expande suas possibilidades de troca no mercado, mais direto se torna o processo de troca. Muitas mercadorias se confrontam com o linho e entre elas mesmas, como que se atuassem autonomamente no mercado. No momento da troca, é possível equipara-las sem relação nenhuma com o que está para além da própria mercadoria enquanto objeto sensível. Seu valor foi estabelecido socialmente sendo a equiparação com outra mercadoria um processo puramente social e independente.

3.4 A forma universal do valor

Com a continuidade dos desdobramentos da forma valor, as mercadorias passam a atuar de forma cada vez mais autônoma, sua forma de valor é simples e comum a todas, portanto, universal. Nesse *quiproquó* todo, algumas mercadorias específicas passam a ganhar maior destaque enquanto mediadoras do processo de troca e passam a ser consideradas enquanto unidade de medida para todo esse processo.

Em um primeiro momento Marx nos apresentou uma forma que “só se revela nos primórdios mais remotos, quando os produtos do trabalho são transformados em mercadorias por meio da troca contingente e ocasional” (MARX, 2013, p. 141), sem nenhum padrão estabelecido, que pode ou não pode ocorrer, sem previsão alguma. É algo que tem relação direta com a necessidade subjetiva por valores de uso.

No segundo momento, de acordo com os desdobramentos do valor no decorrer do processo, Marx “distingue o valor de uma mercadoria de seu próprio valor de uso mais plenamente do que o primeiro” (MARX, 2013, p. 141), demonstrando assim que a experiência mercantil e o desenvolvimento de suas estruturas acabam por criar novas formas de relacionamento entre mercadorias e seus respectivos valores no mercado. O que antes era uma relação ocasional e accidental – pautado em partes por suas

características sensíveis e pelas necessidades diretas por valores de uso passa a ser algo social, independente de qualquer característica sensível – o valor. De modo que “a forma de valor desdobrada se mostra pela primeira vez apenas quando um produto do trabalho (...) passa a ser trocado por outras mercadorias diferentes não mais de forma excepcional, mas habitualmente” (cf. MARX, 2013, p. 141). Ou seja, isso ocorre quando determinada mercadoria não é mais produzida para satisfazer círculos pequenos de pessoas, mas sim quando é produzida com o objetivo de, a partir dela, adquirir inúmeras outras espécies de mercadorias – torna-se um meio e não um fim em si mesmo. O linho, por exemplo, adquire um caráter mais abrangente, pois, a forma universal do valor oculta ambos os valores de uso, relacionando as mercadorias entre si. O linho passa agora a se expressar de forma mais objetiva no mundo das mercadorias, já que “a forma universal do valor só surge, como obra conjunta do mundo das mercadorias” (MARX, 2013, p. 142), sendo que o linho torna-se permutável diretamente com as mais distintas formas de mercadorias presentes no mercado. As formas corpóreas das mercadorias possibilitam a comercialização – um comprador só irá adquirir determinada mercadoria se tal possuir as características que lhe são desejáveis, porém, possui relação nenhuma com a troca. Em nosso exemplo, o linho enquanto mediador universal pauta as relações de troca sem levar em consideração nada além das características sociais da mercadoria.

Se, por exemplo, determinado artesão resolve produzir uma mercadoria que não produzia antes, uma camisa, por exemplo, terá que levar em conta que o mundo das mercadorias está repleto de camisas, e algumas atuam como reguladoras no processo de troca por estarem consolidadas no mercado. Nosso produtor ao relacionar seu produto com os outros, não conseguirá impor sua realidade produtiva para equiparar quantitativamente sua mercadoria com outras, terá que ter por base o valor das mercadorias já existentes e atuantes no mercado, excluindo assim sua realidade produtiva em função de determinadas mercadorias que se impõe universalmente: “é somente no momento em que essa exclusão se limita definitivamente a um tipo específico de mercadoria que a forma de valor unitário do mundo das mercadorias ganha solidez objetiva e validade social universal” (MARX, 2013, p. 144).

A representação quantitativa de algumas mercadorias acaba servindo de espelho para as outras, que, menos consolidadas, tornam-se subordinadas a elas. Quanto mais mercadorias são subordinadas a essas mercadorias, maior é sua autonomia de valor, acabando por desempenhar “o papel de equivalente universal no mundo das

mercadorias, adquire uma função especificamente social, detém o monopólio social” (cf. MARX, 2013, p. 144), serve de equivalente para a infinidade de mercadorias existentes. Como exemplo disso, podemos citar os metais preciosos (ouro e prata), que por muito tempo, serviram de base reguladora do processo mercantil.

No terceiro momento Marx demonstrou que determinadas mercadorias passaram a desempenhar funções sociais exclusivas na relação de valor, como exemplo disso, o ouro, que apesar de desempenhar essa função, possui características sensíveis – valor de uso. Obviamente que tais características são irrelevantes agora que desempenha o papel de equivalente universal. Seu valor de uso é social, sua utilidade consiste em regular as trocas entre mercadorias.

Para Marx, quanto mais as mercadorias relacionam-se de forma direta, em função de um equivalente universal, mais a realidade sensível dos processos produtivos e seus produtores é mascarada em função do mundo das mercadorias: o progresso “consiste apenas em que agora, por meio do hábito social, a forma da permutabilidade direta e geral ou a forma de equivalente universal amalgamou-se definitivamente à forma natural específica da mercadoria ouro” (MARX, 2013, p. 145), abrindo espaço para que a mercadoria dinheiro surgisse e detivesse o monopólio na expressão de valor no mundo das mercadorias.

Inobstante, o dinheiro passa a ser “um equivalente geral socialmente aceito, uma mercadoria específica que surge na realidade social para desempenhar o papel de equivalente geral e exclui desse papel todas as outras mercadorias” (BOTTOMORE, 2013, p. 177), o que antes era determinado por algumas mercadorias específicas, passa agora a ser representado pelo dinheiro enquanto tal: “agora, o tipo específico de mercadoria em cuja forma natural, a forma de equivalente, se funde socialmente torna-se mercadoria dinheiro, ou funciona como dinheiro” (MARX, 2013, p. 145), aparentando possuir valor em si mesmo – sem a relação com as outras mercadorias.

O dinheiro é uma forma equivalente geral do valor, na qual o valor das mercadorias aparece como puro valor de troca. A forma dinheiro do valor é inerente à forma produção de mercadorias organizada pela troca. Nesta, uma quantidade definida de uma mercadoria, digamos vinte metros de linho, iguala-se a uma quantidade definida de uma mercadoria, digamos, um casaco. (BOTTOMORE, 2013, p. 176).

Segundo nossa análise, Marx quer demonstrar que nenhuma das características sensíveis das mercadorias deixa de existir. Trabalho humano é despendido na fabricação de mercadorias, mercadorias necessitam possuir utilidade para outrem para ser

consideradas enquanto tal, enfim, “os valores não podem existir sem valores de troca, e a troca não pode existir sem valores de uso. Os três conceitos são dialeticamente integrados uns com os outros” (HARVEY, 2013, p. 45) se analisados enquanto mercadoria.

As relações sociais não são mais diretas, objetivas e concretas. São estabelecidas a partir de um mediador: o dinheiro. “a teoria do dinheiro de Marx mostra que o dinheiro, em todos os seus momentos, serve como mediação de uma relação social” (BOTTOMORE, 2013, p. 177), mascarando a realidade tendo como objetivo um fim em si mesmo.

3.5 Considerações sobre a teoria do valor marxista

As análises desenvolvidas até o presente momento demonstram que, para Marx, a forma com que as mercadorias aparecem e se desenvolvem na esfera social – no mercado, constituem o alicerce fundamental para que o modo de produção capitalista se desenvolva, e, apesar das infinitas formas úteis que uma mercadoria possa assumir nesse meio, sua presença é essencialmente indispensável. Os desejos, as carências e as necessidades humanas – em grande medida, são satisfeitas pelas mercadorias dispostas no mercado e a busca por tais mercadorias é indispensável para a subsistência humana, tornando esse processo algo constante, indispensável para a vida humana – fator constitutivo da forma com que as pessoas vivem em sociedade.

A aquisição de mercadorias bem como o desenvolvimento de toda a cadeia produtiva relacionada a esse movimento, segundo Marx, é algo que não se apresenta em sua totalidade – a forma com que as mercadorias se apresentam no mercado não condiz com a sua realidade efetiva bem como dos processos produtivos que antecederam seu direcionamento ao mercado e é nesse sentido que Marx analisa a mercadoria para compreender o funcionamento das estruturas fundamentais do capitalismo – do modo de produção capitalista enquanto tal, analisando em paralelo, suas características mais aparentes e superficiais até suas características ocultas e até mesmo imperceptíveis, demonstrando que a relação entre essência e aparência detém o princípio de verdade, de desvelamento das formas aparentes que a mercadoria assume no processo capitalista mercantil.

Uma mercadoria sempre possuirá seu caráter qualitativo, independente da forma com que assuma no decorrer do processo de comercialização, a concretude de suas

formas serão sempre as mesmas, apesar de seu caráter quantitativo assumir formas totalmente distintas de sua realidade, formas que se desdobram constantemente em novas formas deixando em suspenso determinadas características em funções de outras que assumem o papel de representarem a realidade efetiva da mercadoria, algo que para Marx, precisa ser analisado de forma consistente, trazendo à realidade todas às nuances desse movimento, desvelando assim as características essenciais e não só as aparentes da mercadoria enquanto pilar fundamental do capitalismo.

As características materiais, a utilidade de uma mercadoria é algo fundamental para que a mesma possa ser trocada por outras mercadorias, essas características são imensuráveis devido à quantidade de necessidades humanas bem como a capacidade que o homem tem de constantemente criar novas necessidades. Como Marx objetiva demonstrar como se dá a relação entre essência e aparência no processo mercantil torna-se evidente que as particularidades de cada mercadoria não representam suas formas de manifestação – a essência infinita dos valores de uso assume um caráter universal e abstrato no decorrer do processo de trocas – as particularidades dão lugar ao universal, os infinitos valores de uso (toda a diversidade de produtos uteis) dão lugar ao valor de uso universal e abstrato (sem distinção da vasta diversidade de produtos uteis), o caráter abstrato da utilidade assume a forma universal de manifestação dos particulares.

Com isso, Marx demonstra que a realidade concreta das coisas passa a assumir novas formas de manifestação, o que em tempos mais remotos (no início do processo, por exemplo) ¹⁴ apresentava-se de forma particular – a partir das próprias características sensíveis agora assume o caráter universal e abstrato da totalidade. Vale ressaltar que tais características só são consideradas dessa forma no mercado, a partir do momento em que um produto qualquer assume a forma de mercadoria, uma coisa qualquer, que possua utilidade, pode continuar existindo esboçando apenas suas particularidades sensíveis, basta que esse produto não seja direcionado ao mercado – a consumação de seu valor de uso pode ocorrer sem passar pelo mercado.

Marx, ao reduzir (abstrair) todas as características sensíveis/qualidades das mais distintas formas de valores de uso enquanto mercadoria em função de apenas uma única essencial e universal a todas, tal qual o valor de uso, começa a demonstrar que o modo de produção capitalista está constituído a partir de formas representativas, formas que

¹⁴ Nossas análises partem do princípio que Marx está analisando o modo de produção capitalista de forma lógica, porém, em paralelo a isso é possível encontrar características históricas que podem complementar a argumentação.

em função de objetivos específicos acabam por esboçar apenas determinadas características, ocultando/deixando em suspenso outras, ou seja, não importa como uma mercadoria qualquer vai satisfazer a necessidade de alguém, ou de que material ela foi feita ou até mesmo em quais circunstâncias foi produzida, o que realmente importa na ótica mercantil é o simples fato dela possuir a capacidade de servir como valor de troca.

Como vimos anteriormente, a mercadoria é um duplo de qualidade e quantidade, é valor de uso e valor de troca, a realidade do valor de uso é posta de lado nesse momento da análise para que possamos entender o outro polo da relação – o da quantidade. Os produtores de mercadorias, ao direcionarem seus produtos ao mercado objetivam demonstrar que seus produtos são úteis e satisfazem necessidades humanas das mais distintas formas, porém, o que eles realmente querem é trocar seus produtos por outros que satisfazem suas carências pessoais a partir da troca entre mercadorias. Em um primeiro momento Marx analisa esse processo de troca como algo acidental e relativo, sem padrões estabelecidos, ou seja, a equiparação quantitativa que possibilita a comensurabilidade entre duas mercadorias distintas é algo que depende unicamente da relação entre seus produtores, algo que está condicionado às peripécias do espaço e do tempo, pautado na concretude e na realidade sensível e objetiva dos produtores bem como de suas mercadorias – o valor de troca existe enquanto possibilidade de efetivação, tudo depende da relação entre os produtores de mercadorias, suas necessidades e suas mercadorias, ou seja, “o valor de troca aparece inicialmente como a relação quantitativa, a proporção no qual valores de uso de um tipo são trocados por valores de uso de outro tipo, uma relação que se altera constantemente no espaço e no tempo” (MARX, 2013, p. 114). Essa forma de relação é a forma mais objetiva do processo de troca, apesar do caráter útil aparecer de forma abstrata, valores de uso de um tipo são trocados por valores de uso de outro tipo qualquer sem qualquer padrão estabelecido a não ser a relação entre as mercadorias e seus agentes.

O caráter acidental e relativo do valor de troca remete-nos aos primórdios do processo mercantil, no qual a relação de troca se apresentava sem a distinção entre essência e aparência, a forma de manifestação das mercadorias representava sua própria essência, o produtor de leite apresentava-se no mercado como produtor de leite comercializando seu leite com o alfaiate e seus casados por exemplo.

A troca direta entre mercadorias é para Marx o momento inicial do processo, o entendimento dos desdobramentos subsequentes dessa relação esboça o desenvolvimento na mercadoria na esfera de produção capitalista até chegar aos seus

níveis mais abstratos, mascarados e ocultos, por isso acaba negando a forma acidental do valor de troca afirmando que esse movimento adquire novas formas de manifestar-se no meio social.

Com o desenvolvimento da relação de troca mercantil, a troca passa a adquirir características cada vez mais sociais e independentes de seus produtores bem como de sua realidade concreta. A relação de troca passa agora a ser pautada por um único fator comum a todas as mercadorias, o trabalho – ou a quantidade de trabalho despendida na fabricação de valores de uso assume a responsabilidade de atuar como equiparador na relação quantitativa entre mercadorias qualitativamente distintas.

Marx, ao apresentar o trabalho como responsável pela equiparação quantitativa entre mercadorias distintas, demonstrar que o mesmo movimento de ocultação dos infinitos valores de uso em função do valor de uso universal e abstrato também ocorre com o trabalho produtor de mercadorias.

O trabalho produtor de mercadorias é apresentado por Marx a partir de duas formas distintas, o trabalho concreto (dispêndio de força humano em função da produção de algo) e o trabalho abstrato (caráter universal e abstrato do trabalho). O trabalho concreto define-se como a própria atividade da labuta, o trabalho efetivo propriamente dito – a ação do marceneiro na fabricação de uma mesa por exemplo. O trabalho concreto não apresenta nenhuma dificuldade de compreensão, é o dispêndio de força humana na produção de algo. A dificuldade reside em como o trabalho, ou a quantidade de trabalho despendida na fabricação de algo servirá como unidade de medida para a troca entre mercadorias distintas?

Ao analisarmos a resolução desta indagação podemos perceber que não é a realidade do trabalho que realmente importa para a relação de troca, mas sim a quantidade de trabalho, em condições médias e aceitáveis que de forma abstrata, incorporada na mercadoria, definirá seu caráter quantitativo. Se o marceneiro levar 24 horas para produzir uma mesa sendo que a média do mercado é de 20 horas, será obrigado comercializar seu produto pela quantidade média e não de acordo com a sua realidade produtiva. A realidade do trabalho produtivo do marceneiro é abstraída em função da quantidade média social aceitável de trabalho para a produção de sua mercadoria. O trabalho humano, ao ser abstraído e incorporado no corpo da mercadoria aparenta ser o mediador quantitativo no processo das trocas. Toda a realidade sensível, objetiva e concreta do trabalho bem como do trabalhador assume a forma genérica do

trabalho abstrato enquanto equivalente equitativo dos polos distintos da relação de troca.

O valor de troca, antes acidental e relativo, condicionado pelas condições reais de produção bem como de seus produtores passa agora a atuar de forma padronizada, o valor das mercadorias representado pelo trabalho humano abstrato é algo que indiretamente é estabelecido pelo meio social. O que antes era condicionado pela consciência humana agora sofre uma inversão – as mercadorias é que condicionam a consciência e a ação humana. O alfaiate, produtor de casacos, precisa agora se adequar aos seus concorrentes, adequar seus processos produtivos de forma a produzir seu produto a partir do tempo médio socialmente aceito ou abaixo disto e assim conseguir comercializar seus produtos. As características mais abrangentes do mercado atuam sobre as características específicas de cada agente produtor, apesar de cada um possuir sua própria realidade fabril, de despende determinada quantidade de horas para a fabricação de seu produto.

Uma mercadoria, se tomada apenas a partir de suas características sensíveis, não demonstra sua realidade efetiva, é preciso transcender a concretude das análises abordando as suas formas de manifestação mais abstratas, “o valor é uma relação social, e não podemos ver tocar ou sentir tais relações” (cf. HARVEY, 2013, p. 41), a relação entre o que é essencial – suas características sensíveis e concretas, com suas formas de manifestação, corroboram com o esboço da realidade da mercadoria enquanto tal e que se tomadas de forma unilateral não representam a realidade efetiva do modo de produção capitalista.

Marx demonstrou-nos que as relações entre produtores, compradores, vendedores e todos os relacionados com a cadeia produtiva de mercadorias adquiriu no decorrer do processo de troca e comercialização de mercadorias um caráter social, que transcende a realidade concreta fabril, que se apresenta de forma independente de toda a realidade sensível da produção e de seus agentes. Como que se a relação entre o alfaiate, produtor do casaco com o marceneiro, produtor de mesas, fosse apenas à relação exclusiva entre o casaco com a mesa.

Agora, que os produtos da labuta humana aparentam possuir vida própria, algo que aparenta ser totalmente independente dos agentes da cadeia produtiva, torna-se fundamental analisar a relação de troca de forma isolada dos agentes da cadeia produtiva, ou seja, é preciso analisar o processo de troca independentemente da realidade sensível e concreta na qual estão inseridas as mercadorias, é preciso analisar a

relação de troca a partir do caráter social adquirido pelas mercadorias no mundo das mercadorias, a relação direta entre as mercadorias e seus respectivos valores no meio social, corroborando ainda mais com o processo de desvelamento dos segredos do modo de produção capitalista.

As mercadorias enquanto responsáveis diretas pelo processo de troca aparentam possuir independência, autonomia e liberdade no mercado, aparecem de forma independente daquilo tudo que antecede esse momento. Quanto mais a relação de troca se desenvolve, maior é a independência das mercadorias nesse processo, os agentes da cadeia produtiva passam a atuar como meros coadjuvantes – mesmo sendo os responsáveis diretos por todas as atividades da cadeia produtiva. A presença da forma-dinheiro, já em estágios mais avançados, desdobrados e consolidados do processo, comprova que a autonomia do mercado é algo que realmente transcende a essência efetiva e concreta dos elementos da cadeia produtiva bem como de seus agentes. O poder atribuído ao dinheiro de atuar enquanto equivalente universal é algo que para Marx, não pode ser compreendido apenas a partir de suas formas aparentes de manifestação, fator esse que gera inúmeros equívocos com relação à compreensão desse fenômeno, é fundamental analisar a relação de troca a partir de suas formas mais simples, mais diretas e seguir o rastro do valor e seus desdobramentos até chegar à enigmática forma-dinheiro, compreendendo assim como algo como o dinheiro, que não possui praticamente nenhum valor de uso real, pode assumir o papel de equivalente universal para o processo de trocas, como algo que não tem valor pode ser trocado por algo que tem valor – que tem seu caráter útil como algo realmente efetivo?

A relação de troca simples entre duas mercadorias distintas não representa a realidade desdobrada do processo mercantil, representa a realidade dos tempos mais remotos de tal processo. Porém, para Marx, o enigma da forma-dinheiro é solucionado a partir das análises da relação mais simples e direta entre duas mercadorias. Na relação direta entre o linho e o casaco, por exemplo, a forma natural do linho se converte na forma de valor do casaco, o linho atua como ativo e o casaco como passivo, o linho como relativo e o casaco como equivalente, possibilitando assim a equiparação quantitativa entre ambas e por consequência a efetivação da troca. O produtor de linho, ao direcionar seu produto ao mercado para trocá-lo por outros produtos, sabe exatamente tudo sobre a sua produção (quanto tempo levou para produzir determinada quantidade, quanto de matéria prima foi utilizada, o desgaste de seus equipamentos e de sua estrutura, etc.). Porém, ao chegar ao mercado se depara como o casaco enquanto

equivalente, objetiva trocar determinada quantidade de linho por um casaco, mas não sabe nada sobre o casaco além de suas propriedades materiais, como efetivar a troca a partir da equiparação quantitativa entre ambas as mercadorias? Para Marx isso é algo histórico e está intimamente relacionado com a experiência dos agentes produtores e compradores no mercado. O valor do casaco no mercado é dado socialmente, é algo que não depende de seus produtores. A equiparação quantitativa é algo que ocorre para além da realidade dos produtores, o caráter social do polo equivalente da relação é algo dado pela experiência e segundo Marx, é nele que reside o enigma da forma-dinheiro, pois a partir dessa forma de relação que começamos a atribuir poderes incontrolláveis ao mundo das mercadorias.

Como já apresentado, a relação de troca simples e direta entre duas mercadorias representa um momento anterior às formas mais consolidadas do processo de trocas entre equivalentes. O produtor de linho não restringirá o poder de troca de seu produto apenas na relação com o casaco, ele relacionará sua mercadoria com o mundo das mercadorias, atuará tanto enquanto relativo como equivalente. A relação acidental anteriormente apresentada por Marx desaparece, a experiência mercantil e a consolidação dos processos de trocas estabelecem formas padronizadas para a equiparação entre o vasto e imensurável mundo das mercadorias. O caráter social do processo assume a responsabilidade de atuar como mediador, o processo de trocas passa a ser regulado em função da atribuição do valor de cada mercadoria, algo puramente social e independente.

Quanto mais o linho expande suas possibilidades de troca no mercado, maior e mais direto se torna o processo de troca e mais independente essa relação aparenta ser. A diversidade de mercadorias é algo que nunca para de mudar, criam-se novas mercadorias a todo o momento, já outras se tornam obsoletas constantemente, e nesse movimento todo, algumas mercadorias continuam a existir por muito tempo e acabam adquirindo uma autonomia de valor maior na relação com as outras, passam a desempenhar o papel de equivalentes universais – reguladoras diretas no processo de troca. O linho, por exemplo, expandiu suas relações com o vasto mundo das mercadorias, consolidou-se como equivalente universal, servindo de base para a relação quantitativa entre mercadorias distintas.

O valor atribuído às mercadorias é algo que depende da experiência e da permanência das mercadorias no mercado é algo que não depende da existência material e concreta, é algo que é criado em nossa consciência e condiciona nossas ações. O

merceneiro, ao produzir uma mesa, não consegue mais transferir para a mercadoria a sua própria realidade da fabricação, é obrigado a condicionar seus processos com base nas imposições do mercado. A relação de sua mesa com outras mercadorias é independente e distante de sua realidade, é pautado pela universalidade do valor enquanto agente mediador no processo de trocas. As mercadorias com o poder de atuarem como equivalentes universais regulam e mediam de forma direta a relação de troca, consolidando cada vez mais a independência desse processo, abrindo espaço para a mercadoria-dinheiro atuar como equivalente universal supremo na relação de trocas.

Quanto mais as mercadorias se relacionam de forma direta, em função de um equivalente universal, mais a realidade sensível dos processos produtivos e seus produtores é mascarada em função do mundo das mercadorias. O ouro é um exemplo de uma mercadoria que assumiu o caráter de equivalente universal e mesmo possuindo atribuições físicas que configuram lhe como valor de uso, serve apenas como mediador no processo de trocas. O produtor de linho agora sabe quanto equivale o seu linho em ouro, pode trocar sua produção por ouro e ter a garantia de que poderá trocar o ouro por toda e qualquer mercadoria no mercado. A relação de troca passa a ser mediada, e o ouro enquanto equivalente universal é algo que pode ser acumulado, o produtor pode produzir e vender seu produto sem se preocupar em trocar todo o seu ouro instantaneamente. A acumulação de ouro passa a conferir poderes de compra as pessoas, poderes que refletiram diretamente na forma de constituição das relações sociais bem como das estruturas da cadeia produtiva.

No decorrer do tempo, o ouro e a prata, por exemplo, produtos que além de atuarem enquanto mediadores possuem valores de uso, começa a perder espaço para o dinheiro propriamente dito, algo que não possui nenhuma utilidade sensível, sua utilidade consiste basicamente em servir como mediador do processo de trocas, é algo que possui utilidade apenas no meio social com base nas atribuições que a consciência humana lhe atribui, é totalmente abstrato e passa a gerir a vida humana em praticamente todos os sentidos.

O dinheiro, na forma como conhecemos hoje, é a instância mais desenvolvida da relação de troca e absoluto, com um fim em si mesmo. É partir disso que Marx demonstrará que a consciência humana está de cabeça para baixo, invertida. O que não é, no caso do dinheiro, passa a ser, e o que é, no caso a mercadoria, deixa de ser. A consciência humana do mundo não se estabelece mais de dentro para fora, mas sim de fora para dentro, é o que Marx chama de fetichismo da mercadoria – definido

basicamente como “uma relação social determinada entre os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas” (MARX, 2013, p. 147), o mundo das mercadorias passa a reger a consciência humana.

4 O CARÁTER FETICHISTA DA MERCADORIA E SEU SEGREDO

Um dos objetivos centrais de Marx ao tecer a sua crítica da economia política clássica a partir d’*O Capital* foi de demonstrar que as concepções relacionadas ao entendimento do real funcionamento do modo de produção capitalista são, em grande medida, ofuscadas pelo seu próprio movimento de construção, desenvolvimento e consolidação, ou seja, quanto mais tal modo de produção se desenvolve no processo, mais complexo apresenta-se a maneira de percepção da realidade enquanto tal – categorias abstratas e mascaradas se sobrepõe a realidade concreta, sensível e objetiva, moldando assim as relações estabelecidas nesse meio a partir de características que não condizem com a totalidade real das coisas. A realidade, se concebida em sua totalidade, é um duplo de essência e aparência, ou seja, da coisa em si em congruência com a sua forma de manifestação. Sendo que, nessa forma de análise, a realidade é representada apenas por suas formas de manifestação, suas formas mais aparentes e incompletas. Desvelar essas concepções errôneas da realidade torna-se fundamental para o desenvolvimento da crítica de Marx ao capitalismo, bem como, para a conscientização daquilo que Marx considera como a realidade efetiva do capital enquanto modo de produção – a dualidade entre essência e aparência, concreto e abstrato, sensível e suprassensível.

A base fundamental da crítica de Marx tem como princípio o caráter fetichista da mercadoria. Sendo que, os conceitos apresentados por Marx anteriormente a exposição dessa teoria servem de base, de pilar de sustentação, para a consolidação de tal teoria. Ou seja, as análises desveladoras do modo de produção capitalista, se analisadas em conjunto, consolidam a teoria de Marx de que as relações pessoais entre produtores e compradores de mercadorias aparentam ser “apenas uma relação social determinada entre os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas” (MARX, 2013, p. 147).

Para compreendermos como ocorre essa inversão torna-se fundamental compreendermos, segundo Marx, como uma mercadoria singular e objetiva se desdobra em novas formas no decorrer do processo de consolidação do modo de produção capitalista. Trata-se de entender como a concretude das formas mais simples da relação de troca se transforma em uma relação que aparenta ser totalmente independente de seus agentes produtivos – uma relação exclusivamente social.

O primeiro ponto a ser analisado está relacionado ao fato de Marx ter empregado o termo aparecer na seguinte sentença: “[...] aparece como uma enorme coleção de mercadorias [...]” (MARX, 2013, p. 113), já nas primeiras linhas da obra. As mercadorias aparecem no mercado enquanto sinônimo de riqueza, portanto, possuem essa forma e se manifestam a partir disso. A capacidade que a mercadoria tem de representar algo que não condiz com sua realidade concreta, seu caráter útil, não representa a realidade efetiva de uma mercadoria. A forma aparente que a mercadoria assume no meio social condiciona a consciência humana a partir daquilo que é externo a ela. Isso significa que imposições sociais se sobrepõem a própria capacidade de escolha ou até mesmo das próprias necessidades do homem.

A visão dos economistas tradicionais clássicos tem como fundamento as formas de manifestação que as mercadorias assumem no mercado. Tais formas representam a realidade da mercadoria, porém, não em sua totalidade – a plena compreensão do que uma mercadoria representa no modo de produção capitalista depende da transcendência de suas formas aparentes em função de suas formas sensíveis, concretas e objetivas – o princípio de verdade, de totalidade, está na relação entre essência e aparência, concreto e abstrato, singular e objetivo.

Tendo como base o fato de que a mercadoria é algo que precisa ser analisado de forma mais consistente, Marx segue a relação entre duas mercadorias em suas conjunturas mais simples e aparentes, até suas formas mais abstratas e mascaradas demonstrando assim o desenvolvimento desse processo de forma a desvelar seus segredos – suas características ocultas. Nesse processo de desvelamento é possível identificarmos o segundo ponto da teoria fetichista de Marx: as características concretas, sensíveis e reais das mercadorias, características particulares, manifestam-se no mercado de forma universal, ou seja, as particularidades de cada mercadoria são abstraídas e reduzidas àquilo que lhes é comum. Dito de outro modo, as mercadorias ao adentrarem no mercado aparentam possuir apenas características comuns a todas as mercadorias. Obviamente que apenas no mundo das mercadorias, na relação mercantil entre elas.

Se partirmos do princípio de que o objetivo da produção de mercadorias é direcioná-las ao mercado para posterior comercialização, torna-se evidente que o fundamento dessa relação é encontrar o princípio de igualdade entre as mesmas. Sendo nessa perspectiva que Marx afirma que todas as características sensíveis das mercadorias são abstraídas em função de um único fator: sua utilidade perante o

mercado e seus agentes. Isso significa que sem o caráter útil das mercadorias não haveria comercialização e por consequência também não o mercado.

Antes da efetivação do valor de uso a partir do consumo é fundamental que os agentes de mercado encontrem o princípio de igualdade entre as mercadorias que serão trocadas. Para isso é preciso que as características particulares das mercadorias sejam deixadas de lado em função daquilo que lhes é comum e universal – elas garantem que o processo de troca ocorra, mas não o efetivam realmente. A abstração das características particulares das mercadorias é um movimento que ocorre de forma imediata na consciência dos agentes – as características particulares de cada mercadoria não é fator essencial para efetivar a troca, mas a efetivação só ocorre se forem abstraídas em função do princípio de igualdade quantitativa, em que um valor de uso qualquer é trocado por outro valor de uso qualquer.

Exemplificando esse movimento, vamos analisar o seguinte exemplo: um produtor de sapatos direciona seus produtos ao mercado para comercialização, os possíveis compradores, em um primeiro momento analisarão a utilidade dos sapatos, se realmente irá satisfazer suas necessidades pessoais, se sim, o processo de troca se consolidará. A partir desse momento as características particulares são abstraídas em função das necessidades que o produtor de sapatos tem de encontrar o denominador comum com a mercadoria a ser trocada pelos sapatos. Esse movimento de equiparação, de universalização das particularidades, de igualação, é tratado por Marx de forma acidental e relativa, não contendo nenhum segredo, já que o “valor de troca apareceu-nos como algo completamente independente dos valores de uso” (MARX, 2013, p. 116).

Como Marx está seguindo os desdobramentos da mercadoria no decorrer do processo mercantil capitalista, é evidente que essa análise não é conclusiva sobre como as mercadorias atuam no mercado, porém, demonstra que com sua consolidação constante e gradativa, categorias abstratas se sobrepõem a realidade concreta e objetiva desse processo – e a relação que inicialmente era direta e objetiva, adquire traços abstratos e universais, traços presentes apenas na consciência humana.

Como o movimento que desenvolve a relação entre mercadorias não é algo estático e imóvel, o caráter acidental e relativo deixa de ser predominante, abrindo espaço para o trabalho como equiparador quantitativo da troca entre mercadorias, ou seja, a quantidade de trabalho despendido na fabricação de algo define seu caráter quantitativo e possibilita a troca entre desiguais. Essa forma de equiparar mercadorias

quantitativamente possibilita-nos analisarmos o último traço fundamental para a compreensão da teoria fetichista de Marx: o trabalho em caráter abstrato.

O dispêndio de força de trabalho humano é o que realmente proporciona que produtos das mais distintas formas sejam produzidos, é ele que transforma matéria prima em algo útil, algo a ser comercializado universalmente. Se a relação de troca fosse realmente acidental e relativa, a realidade da produção, do produtor, bem como de seu produto, estariam presente diretamente na relação de troca. Uma vez que a troca seria pautada sem padrões estabelecidos e sendo influenciada por uma infinidade de nuances do próprio contexto de cada produtor, mas a relação de troca adquire formas cada vez mais universais e padronizadas e o movimento de troca adquire formas mais independentes e socialmente padronizadas.

Cada produtor de mercadorias possui sua própria realidade produtiva, ou seja, sua capacidade, sua destreza, a logística de distribuição, a forma de seus produtos, etc., essa realidade individual, para o mercado, não tem relevância alguma para a efetivação da troca. É o caráter universal do trabalho, o caráter médio e socialmente aceito que vai estabelecer a equivalência quantitativa de cada mercadoria. Se, por exemplo, determinado produtor levar duas horas para produzir determinada mercadoria e o caráter social médio para a produção da mesma mercadoria for de uma hora e trinta minutos, a sua realidade produtiva sofrerá imposições externas e o caráter quantitativo que possibilita a equiparação de sua mercadoria com outra terá como base o caráter abstrato e universal do trabalho humano e não a realidade efetiva da produção – o trabalho concreto propriamente dito que estabelece duas horas de dispêndio de trabalho humano.

Nesse contexto é importante salientar que, quanto mais as estruturas mercantis se desenvolvem no processo de troca, mais universal, social e abstrato, se torna o processo. A realidade concreta da produção é posta de lado e quanto mais as estruturas se desenvolvem, mais independentes se tornam – o abstrato aparenta se sobrepor ao concreto e a realidade de cada processo produtivo fica restrita apenas a produção. Os produtos, ao adentrarem no mercado, ao se tornarem mercadorias, aparentam possuir autonomia, vida própria, independência dos meios e formas que possibilitaram sua constituição enquanto mercadoria.

Como a mercantilização é algo que se expande gradativamente junto com o desenvolvimento do homem enquanto produtor e vendedor de mercadorias, a relação de troca é algo que evolui sucessivamente, bem como, a experiência do homem presente nesse meio. O processo de trocas consolida-se de tal forma que aparenta possuir total

autonomia de seus agentes, sendo o valor social impregnado e imposto de cada mercadoria o responsável direto pela sua mercantilização, de sua equiparação quantitativa e sua comercialização.

O valor atribuído a uma mercadoria não pode ser definido de forma direta e objetiva. Isso porque o mesmo não pode ser definido intrinsecamente: “o valor de uma mercadoria não é a quantidade de trabalho socialmente necessário para produzi-la. O valor não pode ser definido” (CARCANHOLO, 2017, p. 3). O valor-mercadoria é algo puramente social que se dá a partir do desenvolvimento da experiência humana e dos processos mercantis – fundamentais para a manutenção da vida humana. O valor é algo que está em constante mutação, é algo que sofre imposições sociais do meio no qual está inserido e independe de praticamente toda a realidade concreta da produção e de seus agentes. O valor enquanto mediador universal do processo de troca torna a relação totalmente independente e abstrata – social e universal: “trata-se, em um primeiro momento e só num primeiro momento, de uma propriedade, de uma característica intrínseca a cada mercadoria, propriedade essa que é social (não natural)” (CARCANHOLO, 2002, p. 3), sendo algo que se tornou essencial às mercadorias – mas que surgiu e consolidou-se de forma não natural a partir do meio no qual estão inseridas.

O conceito de valor é o ponto fundamental para compreendermos a teoria de Marx em sua completude, uma vez que podemos perceber uma inversão total na lógica do processo mercantil, o que inicialmente era direto e objetivo passa a ser universal, social e independente. A realidade que se apresentava a partir das próprias características sensíveis passa a se manifestar a partir das imposições do meio social na qual está inserido. Não é mais o produtor que condiciona a troca a partir de sua realidade fabril, mas o mercado em sua universalidade que condiciona o produtor na fabricação de suas mercadorias a partir do valor atribuído a cada tipo de mercadoria. Quanto mais essa inversão se solidifica, maior a autonomia do mercado perante o produtor de mercadoria e maior a consolidação do valor enquanto mediador universal do processo de fabricação e troca dessas mercadorias.

A forma com que Marx analisa os desdobramentos da mercadoria no modo de produção capitalista não tem apenas relação com a formulação de leis gerais, mas também sim com o intuito de demonstrar que a realidade estabelecida e aceitável pela visão econômica burguesa tradicional, está fundada apenas em características aparentes, em suas formas de manifestação mais simples. Formas que não condizem com a

realidade, a qual em sua totalidade se apresenta enquanto uma dualidade entre essência e aparência, entre formas de manifestação e formas efetivas, entre o concreto e o abstrato – uma consciência fetichizada que tem em sua base a consolidação do valor como representante universal de toda a diversidade presente na produção, na troca e no consumo de mercadorias.

O valor atribuído às mercadorias não é algo que foi inventado de forma imediata e se estabeleceu enquanto tal, mas é algo que foi construído gradativamente e que através da experiência humana passou a abreviar a relação entre os produtores, compradores e vendedores de mercadorias. Ao estabelecermos uma relação de troca a partir do valor socialmente aceito entre duas mercadorias distintas estamos facilitando o processo de troca, pois se a troca fosse pautada com base nas informações particulares da realidade fabril de cada mercadoria, a negociação seria algo sem padrões estabelecidos, sem determinações imediatas e, por consequência, mais complexa. O valor atribuído às mercadorias já está dado pelo meio social, é algo que a partir da universalidade se impõe ao particular. A maneira pela qual chegamos a esse valor é algo que, segundo Marx, precisa ser analisado mais de perto – sabemos o valor de determinado produto, mas não sabemos como tal valor foi definido, algo que de fato precisa ser desvelado.

Nesse sentido, Marx passa a analisar o valor de forma isolada de seus agentes produtivos, ou seja, unicamente através da relação estabelecida entre mercadorias de forma independente e autônoma, como se a relação de troca em suas formas de manifestações mais aparentes fosse algo independente de toda a ação humana, seja enquanto labuta ou enquanto ação da própria consciência humana.

A consolidação do valor enquanto equivalente universal e autônomo é realmente efetivado com o desenvolvimento e com a universalização da forma-dinheiro. O entendimento real da forma dinheiro passa, segundo Marx, pelo entendimento de como o conceito de valor surgiu e se desdobrou durante tal processo. Ou seja, entender como algo que não aparente possuir valor nenhum em si mesmo pode representar o valor das mais variadas formas de mercadorias e equipará-las quantitativamente para a troca sem levar em consideração as características concretas e objetivas do processo de fabricação em sua totalidade. Nesse sentido, objetivando consolidar ainda mais a teoria de que as mercadorias, enquanto agentes do mercado, condicionam a ação humana e não o seu contrário, Marx, a partir do esclarecimento de como o dinheiro surgiu e de como ele atua enquanto equivalente universal, demonstrou que os indivíduos, os agentes da

cadeia produtiva, têm suas ações condicionadas por características abstratas em sua grande maioria, uma vez que condicionam suas ações em função de criações do intelecto humano e não de sua própria realidade enquanto produtores de mercadorias.

O dinheiro em suas formas mais consolidadas existe apenas enquanto possibilidade de efetivação do valor. Dessa forma, é fundamental para a conscientização dos agentes do mercado fazer o que jamais foi tentado pela economia burguesa: “provar a gênese dessa forma-dinheiro, portanto, seguir de perto o desenvolvimento da expressão contida na relação de valor das mercadorias, desde sua forma mais simples e opaca até a ofuscante forma-dinheiro” (MARX, 2013, p. 125). Demonstrando que durante o desenvolvimento gradativo da forma dinheiro a essência concreta é deixada de lado no que tange a definição do valor, ou seja, a experiência humana com a forma-dinheiro faz com que as imposições sociais, universais e abstratas, se sobressaiam sobre as particularidades essenciais de cada mercadoria e de toda a sua cadeia produtiva, bem como de seus agentes. É como se as concepções aparentes representassem toda a realidade da mercadoria, o que em verdade representa apenas parte dessa realidade que em sua totalidade é constituída de aparência (suas formas de manifestação) e de essência (suas formas corpóreas, sensíveis e concretas), sendo essencial demonstrar tal dualidade.

Segundo Marx, a resolução do enigma da forma-dinheiro precisa necessariamente transcender as formas aparente do valor, pois o “o segredo de toda a forma de valor reside em sua forma de valor simples. Sua análise oferece, por isso, a verdadeira dificuldade” (MARX, 2013, p. 125). Isso acontece porque as análises precisam partir das formas mais simples da expressão do valor, da relação direta e objetiva entre duas mercadorias distintas, não a partir de suas formas complexas e padronizadas, mas a partir do valor socialmente aceito, do dinheiro propriamente dito.

Para que duas mercadorias possam ser trocadas é preciso que uma represente o papel de ativo e a outra o papel de passivo, sendo que o valor da primeira se apresenta como valor relativo, ou encontra-se na forma de valor relativo e, a segunda, como equivalente, ou encontra-se na forma de equivalente. Na relação entre linho e casaco, por exemplo, o produtor de linho sabe quanto tempo levou para fabricar seu produto, bem como as condições e dificuldades que teve para tal; tem noção de quanto o seu produto custa no mercado em média e por isso tem base para relacionar seu produto com outro de forma equitativa, mas ao objetivar trocar determinada quantidade de linho pelo casaco, não tem nenhuma informação sobre o casaco, a não ser que o mesmo sirva

para satisfazer suas necessidades de subsistência. Nesse caso, “essa mercadoria, que figura como equivalente, não pode estar simultaneamente contida na forma de valor relativa. Ela não expressa seu valor, apenas fornece o material para a expressão do valor de outra mercadoria” (MARX, 2013, p. 126), a utilidade conferida ao polo equivalente da relação “se torna a forma de manifestação de seu contrário, do valor” (MARX, 2013, p. 133).

Marx utiliza o exemplo de uma balança mecânica que funciona com a utilização de pesos para exemplificar esse movimento. Uma balança possuiu vários pesos específicos que servem como unidade de medida – ao correlacioná-los com o produto a ser pesado é possível equipará-los a partir do princípio de igualdade. Sabemos que determinado quantidade de ferro pesa tanto, mas não sabemos como chegamos a essa conclusão. Porém, ao relacionarmos com um produto qualquer, o ferro expressa o peso de determinada quantidade desse produto, sendo o ferro o passivo/equivalente e o produto o ativo/relativo na relação de equiparação.

Como chegamos à conclusão de que uma mercadoria equivale a tanto de outra em uma relação de troca é algo histórico, “assim como é um ato histórico encontrar as medidas sociais para a quantidade das coisas uteis” (MARX, 2013, p. 113 e 114). A ação humana, as relações sociais estabelecidas com base na troca de mercadorias, é algo contínuo que acaba por gerar experiência aos agentes do processo. O contexto social, as imposições sociais geradas pela universalidade que a relação de mercadorias proporciona, é que possibilita a comercialização direta entre mercadorias. Quanto mais os agentes adquirem experiência e mais consolidado o meio social se apresenta, mais objetivo e direto o processo se desenvolve, e como a relação entre as mais distintas mercadorias é algo em constante evolução, a gama de possibilidades é cada vez maior, bem como a independência das mercadorias em relação a seus fabricantes.

Uma mercadoria qualquer não se relaciona apenas com outra mercadoria qualquer, as possibilidades são infinitas. O linho, por exemplo, pode se relacionar com toda a diversidade de mercadorias presentes no mercado, tanto no papel de relativo como no papel de equivalente “o número de expressões possíveis de valor só é limitada pelo número dos tipos de mercadoria que dele se distinguem. Sua expressão individualizada de valor se transforma, assim, numa série sempre ampliável de suas expressões simples de valor” (MARX, 2013, p. 138). Em suma, o linho agora se relacionara com o mundo das mercadorias, “a relação acidental entre dois possuidores individuais de mercadorias desaparece” (MARX, 2013, p. 139) e começa a adquirir um

caráter social – evidenciando que “não é a troca que regula a grandeza de valor da mercadoria, mas, inversamente, é a grandeza de valor da mercadoria que regula suas relações de troca” (MARX, 2013, p. 139).

Tais análises revelam o enigma da forma-dinheiro, mas não demonstram como realmente se apresenta a forma-dinheiro em suas formas mais consolidadas, já que “a expressão de valor relativa da mercadoria é incompleta, pois suas séries de representações jamais se concluem” (MARX, 2013, p. 140). Sendo que isso não condiz com a realidade do dinheiro enquanto equivalente universal. Demonstrando que determinadas mercadorias, no decorrer do processo, acabam por assumir o papel de equivalentes universais para as trocas. Com a continuidade dos desdobramentos da forma valor, as mercadorias passam a atuar de forma cada vez mais autônoma, sua forma de valor é simples e comum a todas e, portanto, universal. Nesse *quiproquó*, algumas mercadorias específicas passam a ganhar maior destaque enquanto mediadoras do processo de troca e passam a ser consideradas enquanto unidade de medida para todo esse processo, algo puramente social e independente da realidade sensível da cadeia produtiva de mercadorias.

Marx demonstrou que determinadas mercadorias passaram a desempenhar funções sociais exclusivas na relação de valor, como exemplo disso, o ouro. O ouro, apesar de desempenhar essa função, possui características sensíveis – possui valor de uso. Obviamente que tais características são irrelevantes agora que desempenha o papel de equivalente universal. Seu valor de uso é social, portanto, sua utilidade consiste em regular as trocas entre mercadorias. Para Marx, quanto mais às mercadorias relacionam-se de forma direta, em função de um equivalente universal, mais a realidade sensível dos processos produtivos e seus produtores é mascarada em função do mundo das mercadorias: “o progresso consiste apenas em que agora, por meio do hábito social, a forma da permutabilidade direta e geral ou a forma de equivalente universal amalgamou-se definitivamente à forma natural específica da mercadoria ouro” (MARX, 2013, p. 145), abrindo espaço para que a mercadoria dinheiro surgisse e detivesse o monopólio na expressão de valor no mundo das mercadorias.

Nessa lógica, o dinheiro acaba ser tornando “um equivalente geral socialmente aceito, uma mercadoria específica que surge na realidade social para desempenhar o papel de equivalente geral e exclui desse papel todas as outras mercadorias” (BOTTOMORE, 2013, p. 177). O que antes era determinado por algumas mercadorias específicas, passa agora a ser representado pelo dinheiro enquanto tal, um “tipo

específico de mercadoria em cuja forma natural, a forma de equivalente, se funde socialmente torna-se mercadoria dinheiro, ou funciona como dinheiro” (MARX, 2013, p. 145), o qual aparenta possuir valor em si mesmo, ou seja, sem estar em relação com outras mercadorias.

É a partir dessa ideia que Marx entende que a mercadoria assume um caráter fetichista, fantasioso e mascarado. Caráter esse que inverte totalmente a forma com que as pessoas encaram a realidade concreta enquanto tal. Isso acontece porque a produção por si só não expressa a sua realidade na troca, mas sofre as imposições do meio no qual está inserida, seja pela universalidade abstrata do valor ou até mesmo pela experiência mercantil de seus agentes.

4.1 O conceito de fetiche e seu segredo

A forma com que as pessoas concebem a realidade nas sociedades com predominância do modo de produção capitalista, é considerada por Marx uma forma limitada da consciência humana. Uma vez que tal consciência não está condicionada a desenvolver-se a partir da realidade completa sobre as coisas, mas sim com base apenas na forma com que as aparecem e se manifestam no meio social, ou seja, para concebermos em nossa consciência uma mercadoria em sua totalidade é fundamental que tanto suas formas de manifestação (formais aparentes) como suas formas sensíveis sejam tomadas por completo (dualidade essência e aparência, concreto e abstrato).

Sendo assim, se compararmos a sociedade capitalista burguesa moderna, “frente às formas ideológicas pré-capitalistas, a sociedade burguesa é a verdadeira Idade das Trevas. Nela tudo se torna misterioso e fantástico por que nela tudo se converte, dia após dia, em mercadoria”. (ANTUNES, 2005, p. 87). A conversão de tudo em mercadoria é algo histórico, algo que se desenvolve e se desdobra durante o tempo. As análises iniciais de Marx em *O Capital* demonstram que nas sociedades mais primitivas – nas sociedades pré-capitalistas, as ações humanas no processo mercantil eram concebidas a partir das formas concretas de cada produto bem como da realidade de cada produtor, o caráter acidental e relativo da relação de troca era predominante enquanto relação de troca, movimento que deixa de existir nas sociedades capitalistas modernas – sociedades pautadas em relações universais e abstratas.

Em uma visão macroeconômica podemos vislumbrar que “a doce economia política burguesa só se pronuncia sobre as coisas, sobre o mercado que amanheceu

nervoso e agitado, sobre os preços do dólar e das mercadorias que se alteraram subitamente” (ANTUNES, 2005, p. 91). Mas o que é esse mercado, o que está por traz de suas formas abstratas e aparentes? Os operários braçais que despendem horas de sua força de trabalho em prol de um salário infinitamente menor as receitas provindas de sua produção, as precárias condições de trabalho que esses operários são submetidos em seus locais de trabalho – a agonia, o sofrimento e a dor desses homens não existem no mercado, “deles nada se fala, estes não existem, o que unicamente existem são as coisas” (ANTUNES, 2005, p. 91), as mercadorias, o dinheiro, a especulação, a valorização e todas as concepções criadas a partir das formas ilusórias com que a realidade capitalista se estabelece e se consolida.

Poderíamos nos perguntar, e se fossemos ao mercado para adquirir os produtos para nossa subsistência tendo o conhecimento sobre como cada produto foi produzido, sobre como foi o manejo da matéria-prima ou até mesmo sobre as condições de trabalho, nossa ação seria a de abstrair tudo isso em função do valor ou pensaríamos exclusivamente no valor de uso e no valor socialmente atribuído a cada mercadoria? Obviamente que isso é praticamente impossível, tendo em vista que:

[...] em sistemas altamente complexos de troca, é impossível conhecer a atividade dos trabalhadores, e é isso que torna o fetichismo inevitável no mercado mundial. O resultado é que nossa relação social com atividades laborais dos outros é *dissimulada* em relações entre coisas. No supermercado, por exemplo, você não tem como saber se a alface foi produzida por trabalhadores satisfeitos, miseráveis, escravos, assalariados ou autônomos. A alface é muda, por assim dizer, no que diz respeito a como foi produzida e a quem a produziu. (HARVEY, 2013, p. 52).

As mercadorias aparecem no mercado da forma como elas realmente são, valores de uso que, a partir de suas formas corpóreas ou representativas, satisfazem necessidades humanas das mais distintas formas. O dinheiro também aparece no mercado sendo aquilo que ele realmente é – mediador universal do processo de trocas – função que de forma universal/social foi lhe atribuído. Se o dinheiro gasto na aquisição de mercadorias é oriundo de roubo, extorsão, corrupção, dispêndio de trabalho humano, etc., não importa, o que realmente importa é a sua função de equivalente universal. Tudo que antecede o processo de trocas enquanto tal é deixado de lado e a partir disso, decisões tangíveis são tomadas com o intuito de satisfazer necessidades e carências humanas – o restante fica suspenso, em segundo plano. Sendo assim, as ilusões sobre uma possível “ordem liberal utópica, na visão de Marx, têm de ser desmascaradas com aquilo que são: uma réplica daquele fetichismo que perverte as relações sociais entre

peças, transformando-as em relações materiais entre pessoas e relações sociais entre coisas”. (HARVEY, 2010, p. 59), é preciso inverter a forma com que as relações sociais são estabelecidas, é preciso que a essência se sobreponha a aparência, é preciso que a relação entre coisas seja material e a relação entre as pessoas seja social e não o seu contrário.

Nesse processo de inversão, Marx analisa que “uma mercadoria aparenta ser, à primeira vista, uma coisa óbvia, trivial. Sua análise resulta em que ela é uma coisa muito intrincada, plena de sutilezas metafísicas¹⁵ e melindres teológicas¹⁶”. (MARX, 2013, p. 146). A experiência humana e o desenvolvimento do capitalismo condicionam a consciência humana a visualizar apenas o que é óbvio, trivial e superficial, tornando fundamental transcender essas formas em função da concepção totalitária de como as coisas realmente são.

Se pautarmos nossas análises apenas a partir da forma como uma mercadoria aparece e se manifesta no meio social, chegaremos a conclusões óbvias e incompletas do que ela realmente é e representa. Porém, se analisarmos suas características mais profundas e essenciais (sensíveis e concretas), como por exemplo, a dualidade entre valor de uso e valor, entre trabalho concreto e trabalho abstrato, gênese, estrutura e consolidação da forma dinheiro, poderemos perceber que existe algo para muito além da aparência – sutilezas e melindres teológicos que transcendem as formas mais superficiais e aparentes pela qual as mercadorias se manifestam no mercado e condicionam a consciência humana de forma invertida.

De forma mais detalhada, a análise de um produto qualquer, se concebida apenas a partir de sua forma corpórea e representativa – enquanto valor de uso única e exclusivamente, não possui nada de misterioso, “quer eu a considere do ponto de vista de que satisfaz necessidades humanas por meio de suas propriedades, quer do ponto de vista de que ela só recebe essas propriedades com produto do trabalho humano” (MARX, 2013, p. 146). O caráter misterioso de uma mercadoria não reside em suas características corpóreas, sensíveis – concretas, o mistério surge quando o valor de troca passa a ser concebido enquanto valor socialmente aceito (quando o valor de uso é abstraído em função de um equivalente universal – o valor-dinheiro),

¹⁵ Características finas, sutis da metafísica.

¹⁶ Melindre: Pudor; sentimento de constrangimento ou de vergonha – Constrangimento entre a relação do homem com o universo da forma com que são apresentados.

Por exemplo, quando um determinado produto deixa de ser produzido exclusivamente para atender necessidades pessoais de forma direta e passa a ser produzido como um meio de adquirir dinheiro, para que posteriormente tal dinheiro exerça a função de comprador de mercadorias para a satisfação de necessidades pessoais, ou seja, quando um produto não aparece mais apenas enquanto algo útil, produzido por um produtor específico, “mas tão logo aparece como mercadoria” (MARX, 2013, p. 146) se transforma “numa coisa sensível-suprassensível¹⁷” (MARX, 2013, p. 146). Ou seja, a forma de manifestação aparente das mercadorias se reduz exclusivamente ao seu valor abstrato, universal e suprassensível que, se sobrepõe a toda a realidade sensível e concreta da realidade de cada produtor.

Vale ressaltar aqui que as características sensíveis não deixam de existir, mas são postas em suspenso em função da constituição e consolidação de características abstratas e universais.

O caráter místico da mercadoria não resulta, portanto, de seu valor de uso. Tampouco das determinações do valor, pois, em primeiro lugar, por mais distintos que possam ser os trabalhos úteis ou as atividades produtivas, é uma verdade fisiológica que eles constituem funções do organismo humano e que cada uma dessas funções, seja qual for o conteúdo e sua forma, é essencialmente dispêndio de cérebro, nervos, músculos e órgãos sensoriais humanos etc. (MARX, 2013, p. 146 e 147).

As diversas formas pela qual o trabalho criador de valores de uso é desenvolvido, não tem relevância nenhuma nas relações de troca e não importa pela ótica do mundo das mercadorias. O mundo das mercadorias atua de forma independente, com base exclusivamente das delimitações universais e abstratas do valor-dinheiro enquanto equivalente universal. O que se apresenta como relevante é que tais características tem relação com o dispêndio de cérebros, nervos, músculos bem como todos os órgãos sensoriais humanos – independe da forma que o trabalho foi desenvolvido bem como das condições para o dispêndio da força humana de trabalho: “a quantidade é claramente diferenciável da qualidade do trabalho”, a quantidade, de forma abstrata, se sobrepõe à qualidade – o abstrato se sobrepõe ao concreto e a aparência se sobrepõe a realidade.

As análises de Marx demonstram que até a quantidade de trabalho despendida na produção de algo não terá relevância na relação mercantil de troca, “os homens trabalham uns para os outros de algum modo, seu trabalho assume uma forma social”

¹⁷ Que é superior ao sensível; que ultrapassa aquilo que pode ser percebido através dos sentidos.

(MARX, 2013, p. 147), a resolução do enigma do dinheiro, por exemplo, demonstra que o que antes era pautado pelo trabalho mesmo que em caráter abstrato, passa agora a ser pautado pelo caráter médio e social que as mercadorias assumem ao adentrarem ao mercado, a forma mercadoria “é apenas uma relação social determinada entre os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas” (MARX, 2013, p. 147).

A relação entre os mais distintos tipos de produtores com as mais infinitas formas de produtos assume a ilusória forma de relação apenas entre produtos. O produtor de leite não se apresenta no mercado como tal, o que se manifesta é apenas o leite em caráter de valor médio – socialmente aceito. O produtor de algodão não se apresenta no mercado enquanto tal, o algodão e seu caráter quantitativo socialmente aceito se sobrepõem. A relação se estabelece entre leite e algodão exclusivamente e o caráter quantitativo médio socialmente aceito estabelece a relação de troca. A realidade do produtor de leite e do produtor de algodão fica em segundo plano: “as relações sociais entre seus trabalhos privados aparecem como aquilo que elas são, isto é, não como relações diretamente sociais entre pessoas em seus próprios trabalhos, mas como relações reificadas entre pessoas e relações sociais entre coisas” (MARX, 2013, p. 148). Esse movimento faz com que os homens passem a acreditar que seja “a consciência de que o processo de produção domina os homens, e não os homens o processo de produção, são considerados por sua consciência burguesa como uma necessidade natural tão evidente quanto o próprio trabalho produtivo” (MARX, 2013, p. 156).

Grande parte dos economistas, ao se prenderem apenas nas análises superficiais da cadeia mercantil e suas características são enganados “pelo fetichismo que se cola ao mundo das mercadorias ou pela aparência objetiva das determinações sociais do trabalho” (MARX, 2013, p. 157), gerando assim uma consciência errônea de como as coisas realmente funcionam. O que reflete diretamente na forma com que as pessoas convivem em sociedade e pautam suas ações cotidianas em prol de sua subsistência. A consciência humana torna-se algo condicionado pelo meio social, as ações humanas são desenvolvidas em grande medida por motivações externas, o homem deixa de ser o agente de sua própria condição humana e passa a condicionar-se de acordo com as imposições que lhe são impregnadas como única alternativa para o desenvolvimento de sua atividade e, por consequência, de sua própria realidade.

5 VALOR, DINHEIRO E RELAÇÕES SOCIAIS

A construção teórica desenvolvida por Marx nas primeiras páginas de *O Capital* tem como um dos objetivos demonstrar o funcionamento do modo de produção capitalista. A análise de suas formas mais consolidadas é algo que não pode ser compreendido por si só, a partir apenas de suas formas aparentes, já que é indispensável reconstruir a partir do princípio todo o movimento lógico e conceitual dos fatores em questão. A teoria do valor apresentada por Marx no começo da obra possibilita-nos pensarmos em como as relações sociais estão fundamentadas no capitalismo de forma fetichizada, além de demonstrar como o dinheiro se desdobra em novas formas moldando assim as relações sociais estabelecidas entre todos os agentes da cadeia produtiva mercantil. A individualidade, a singularidade de cada indivíduo acaba por perder espaço para o social, o abstrato – o capital enquanto modo de produção.

O desenvolvimento da forma-dinheiro enquanto equivalente universal no processo de trocas é algo que vai de encontro com a consolidação do modo de produção capitalista. As funções atribuídas ao dinheiro no decorrer do tempo influenciaram diretamente na inversão de consciência humana, tornando-a fetichizada, condicionada ao meio social impositor no qual está inserida e não a partir de sua própria realidade – sua consciência, sua subjetividade.

Para Rosdolsky (2001), o dinheiro¹⁸ enquanto meio de circulação pode ser compreendido inicialmente como medida de valor, ou seja, o dinheiro aparenta ter o poder de tornar todas as mercadorias comensuráveis entre si, fator esse que não ocorreria se a relação de troca fosse direta, acidental e relativa– sem um denominador comum: “por serem todas as mercadorias, consideradas como valores, trabalho humano objetivado, e, portanto comensuráveis entre si, seus valores podem ser medidos coletivamente em uma mesma mercadoria especial” (ROSDOLSKY, 2001, P. 125), uma mercadoria que tem o poder de expandir significativamente a relação de troca – o dinheiro.

Exemplificando esse movimento, tomemos como exemplo a atividade comercial de um produtor de trigo, que em tempos mercantis remotos produzia em função de

¹⁸ Sendo o dinheiro em sua forma mais consolidada, o principal expoente do capital, analisaremos algumas das funções atribuídas a ele e como tais funções influenciaram, influenciam e influenciarão nas relações sociais capitalistas a partir da visão do pensador marxista Roman Rosdolsky na obra intitulada *Gênese e estrutura do Capital de Karl Marx*.

garantir suas necessidades básicas a partir da troca direta de seu produto com mercadorias distintas, ou seja, produzia o trigo e o direcionava ao mercado para trocar por outros produtos de sua necessidade, independente de sua forma. Como a troca efetivava-se de forma direta entre os produtores – produto por produto, condicionava-se a partir da realidade de cada produtor bem como de seus produtos, sem padrões pré-estabelecidos. A troca definia-se de forma acidental e relativa, condicionada ao espaço e ao tempo – a realidade fabril de cada produtor bem como do meio no qual está inserido.

Tendo como imposição a impossibilidade de acumular trigo por muito tempo, o produtor era obrigado a produzir só aquilo que o mercado absorvesse em paralelo com o atendimento de suas necessidades pessoais. Em linhas gerais a relação mercantil estava condicionada a capacidade produtiva de cada produtor atrelada à satisfação de suas necessidades de subsistência, não sendo viável produzir além da capacidade de venda, pois, além de correr o risco de ficar com o excesso do produto em seus domínios, poderia não ter pelo que trocar sua mercadoria, visto que suas necessidades já estariam satisfeitas.

Com a consolidação da mercadoria-dinheiro, ou seja, com o surgimento de um denominador comum para a relação de troca, o que ocorre é uma total inversão na forma com que tal relação se estabelece. A relação deixa de ser acidental e relativa e passa a ser condicionada – o dinheiro passa a exercer a função de denominador comum. O trigo é trocado por dinheiro que posteriormente é trocado por linho, por exemplo. A relação de troca adquire traços cada vez mais sociais, o dinheiro enquanto equivalente universal socialmente aceito sobrepõe-se a realidade fabril de cada produtor e condiciona sua consciência (o movimento produtivo) a partir do que lhe é imposto segundo o caráter médio socialmente aceito para a comensurabilidade de suas mercadorias: “o desdobramento da mercadoria em mercadoria-dinheiro, a formação do dinheiro, não significa que a mercadoria como tal tenha sido convertida em dinheiro” (ROSDOLSKY, 2001, P. 125), mas sim que existe um novo elemento na relação de troca, elemento esse que torna a relação mais direta e abstrata. Se o ouro exercesse a função mercadoria-dinheiro, por exemplo, “os valores das mercadorias estão transformados em diferentes quantidades imaginárias de ouro” (ROSDOLSKY, 2001, P. 127), 1 kg de trigo ou um casaco equivale a tanto de ouro por exemplo.

Uma das primeiras atribuições do dinheiro e a sua capacidade de servir enquanto medida de valor, e “toda circulação de mercadorias pressupõe a existência de valores de troca em que os preços são fixados [...] o dinheiro adquiriu certas determinações formais

que só especificam sua função de medida do valor” (ROSDOLSKY, 2001, P. 128), e sua medida de valor é algo que não condiz diretamente com a realidade sensível de seus processos produtivos, bem como de seus produtores, é algo social em caráter médio e abstrato.

O dinheiro ao assumir a função de medida de valor acaba também por assumir a função de meio de circulação, ou seja, as relações de troca mediadas pelo dinheiro possuem uma forma específica de se desenvolverem, mais direta e objetiva. Na relação de troca pautada pelo dinheiro, não é necessário que o produtor de leite troque seu produto por outro de sua necessidade de forma imediata, é possível trocá-lo por dinheiro e assim que julgar necessário completar o movimento: “o dinheiro só serviu para facilitar a troca da primeira mercadoria pela segunda. Por isso, se levamos em consideração o ciclo M-D-M em seu conjunto, o dinheiro aparece como um meio de troca de mercadorias” (ROSDOLSKY, 2001, P. 132).

Nas relações de troca na qual o dinheiro não está presente, a troca precisa necessariamente ser feita por outro valor de uso – de forma imediata. O produtor de leite direcionaria seu produto ao mercado apenas se necessitasse de outros produtos para satisfazer suas necessidades, não podendo assim acumular produtos da mesma forma que acumularia dinheiro. O dinheiro assume o controle da relação de troca:

A substituição de valores de uso é feita por intercâmbio privado, intermediado pelo dinheiro, e as relações das mercadorias entre si estão cristalizadas como diferentes determinações do dinheiro, o intercâmbio passa a ser, ao mesmo tempo a criação de determinadas relações sociais de produção, é uma mudança de forma (ROSDOLSKY, 2001, p. 129).

A atividade mercantil de troca passa a ser condicionada por algo exterior as próprias mercadorias, algo que independe da realidade efetiva, sensível e concreta de cada mercadoria. O dinheiro enquanto meio de circulação faz com que as relações de troca adquiram uma configuração mais dinâmica e independente, também possibilitando que a produção se desprenda da troca efetiva, da comercialização. O meio de circulação e o dinheiro tornam-se formas complementares, uma vez que o dinheiro facilita o processo de troca de tal forma que praticamente não existe circulação de mercadorias sem o atrelamento com o mesmo – em sua forma mais desenvolvida.

O meio de circulação adquire na moeda sua forma mais característica. Na forma de moeda, o dinheiro perdeu seu valor de uso; seu valor de uso coincide com sua determinação de meio de circulação (...). Por isso, como moeda, é um signo, indiferente à matéria de que é feito (ROSDOLSKY, 2001, p. 133).

Os desdobramentos do dinheiro enquanto equivalente universal modificou drasticamente a forma com que a relação entre os agentes mercantis se desenvolve. Inicialmente a relação era direta, pautada na própria realidade de cada produto bem como de cada produtor – um valor de uso qualquer era trocado por outro valor de uso qualquer. Com isso os processos da cadeia produtiva se tornam algo independente, isolado – a produção é desenvolvida em função da aquisição de dinheiro que posteriormente servirá para a aquisição de novas mercadorias ou até mesmo para acumulação. A comercialização assume duas características, a primeira de servir como meio para aquisição de dinheiro e a segunda como meio para a troca e circulação de mercadorias. As relações sociais que antes eram entre os agentes da cadeia, tendo como base toda a realidade fabril, agora se tornam fragmentadas, dispersas e independentes.

O dinheiro enquanto medida de valor, atua apenas enquanto dinheiro ideal, já como meio de circulação, serve apenas como meio simbólico, nesse sentido:

Devemos considerar formas que mostram a existência do dinheiro em sua corporalidade metálica, nas quais ele aparece como única representação do valor ou única existência adequada do valor de troca, diante de todas as demais mercadorias, consideradas como simples valores de uso (ROSDOLSKY, 2001, p. 135).

O dinheiro em suas atribuições mais desenvolvidas “se torna independente, tanto em relação à sociedade como ao indivíduo (...) passando a representar o valor de todas as coisas, pessoas e relações sociais” (ROSDOLSKY, 2001, P. 135). As relações sociais entre os agentes da cadeia produtiva mercantil em sua totalidade passam a ser totalmente condicionadas pelo dinheiro enquanto equivalente universal e abstrato, enquanto representação do valor de cada mercadoria. O dinheiro passa a ser o fim último de toda a ação humana nesse meio. O dinheiro, mesmo que de forma indireta, é o responsável pela aquisição de todas as mercadorias, pela satisfação de necessidades humanas em suas mais distintas e infinitas formas – o dinheiro se torna o motor móvel da ação humana enquanto sociedade capitalista e aparece em sua terceira determinação sob três formas distintas:

Como tesouro, como meio de pagamento e como moeda (ou dinheiro) mundial. Na primeira, o dinheiro permanece fora da circulação ou se retira dela; na segunda, embora ingresse nela, não o faz como meio de circulação; na terceira, finalmente, atravessa a barreira da circulação interna, demarcada pelas fronteiras estatais, para atuar como equivalente universal no comércio internacional, no mercado mundial (ROSDOLSKY, 2001, p. 135-136).

Se analisarmos o dinheiro enquanto tesouro, enquanto algo passível de acumulação infinita é possível perceber que a produção adquire patamares mais abrangentes. O dinheiro, se acumulado, possibilita ao produtor manter sua produção de forma contínua, a troca de sua mercadoria é efetivada pelo dinheiro, que não precisa ser gasto. O dinheiro aparenta ser algo autônomo, que independe de toda a cadeia produtiva, bem como da ação de seus agentes, “a transformação do dinheiro em um ente autônomo aparece de forma mais clara em sua forma de tesouro” (ROSDOLSKY, 2001, P. 136), o dinheiro entesourado significa o mesmo que o dinheiro fora de circulação.

O fluxo contínuo da produção não depende apenas da relação com o dinheiro, mas sim das necessidades do mercado. Nesse sentido, quanto maior é a acumulação desenvolvida por determinado produtor, maiores são suas chances de identificar as necessidades do mercado e se adaptar as condições, mesmo que adversas da atividade comercial e produtiva. O dinheiro, se acumulado, representa maior segurança ao produtor que, quanto mais dinheiro possui, mais chances têm de sobreviver ao mercado. Esse movimento faz com que alguns produtores se destaquem no mercado e outros sofram as consequências das imposições do mercado consumidor e da concorrência: “o dinheiro não é apenas medida nem apenas meio de troca, nem apenas ambas as coisas; possui também uma terceira determinação, possui também uma existência autônoma fora da circulação” (ROSDOLSKY, 2001, P. 136), se por exemplo, determinado produtor de trigo, conseguiu acumular dinheiro em grande quantidade do decorrer de sua atividade produtiva e agora devido as imposições do mercado, é instigado a abandonar seu ramo de atividade – o dinheiro acumulado possibilitará que ele invista em uma nova área e continue a produzir e por consequência acumular dinheiro.

As atividades da cadeia mercantil, que se desenvolviam de forma interligada, passam, com a consolidação da forma-dinheiro, a atuarem de forma mais independente e autônoma – a produção, a comercialização e o consumo, são momentos distintos que, devido ao dinheiro, ao entesouramento, aparentam se desenvolver livre de qualquer outro momento dos processos da cadeia mercantil: “a circulação de mercadorias derruba as barreiras temporais, locais e individuais ao intercâmbio de produtos” (ROSDOLSKY, 2001, P. 136), o tempo de efetivação da troca já não é mais uma barreira, mas sim um ponto favorável.

Na troca, ninguém pode desfazer-se de seu produto sem que simultaneamente outra pessoa se desfaça do seu. Mas, ao introduzir um distanciamento entre compra e venda, a circulação quebra a identidade imediata dos dois atos (vender o produto do próprio trabalho e comprar o produto do trabalho alheio) (ROSDOLSKY, 2001, P. 136).

O produtor/vendedor de mercadorias passa a produzir não mais objetivando a satisfação de suas necessidades básicas apenas, com elas já sanadas, passa a produzir ininterruptamente, objetivando assim acumular dinheiro – entesourar. Esse movimento influencia diretamente o desenvolvimento da sociedade capitalista nos moldes em que a desigualdade social, a discrepância no poder econômico e na detenção dos meios de produção nas mãos de poucos é fator corriqueiro, pois, o “dinheiro se imobiliza para converter-se em tesouro, e o vendedor de mercadorias se converte em entesourador” (ROSDOLSKY, 2001, P. 137) e a acumulação passa a gerir a ação dos agentes da cadeia produtiva capitalista.

O que antes era algo social, dependente do meio no qual o indivíduo estava inserido, se torna algo individual, pertencente ao próprio indivíduo. Os valores de uso que configuravam a base da riqueza, agora, são representados pelo dinheiro, “todo valor de uso, como tal, serve para ser consumido, ou seja, aniquilado, e esse aniquilamento significa também o aniquilamento de seu valor de troca. No dinheiro, ao contrário, sua substância, sua materialidade, é a forma na qual ele representa riqueza” (ROSDOLSKY, 2001, P. 137), o poder é convertido da esfera social para a esfera privada.

A capacidade produtiva de cada indivíduo não representa mais seu poder de compra, são momentos distintos que independem um do outro na relação mercantil, “como tudo é vendável por dinheiro, tudo também é comprável com dinheiro; (...) é o acaso que decide (...) que o indivíduo possa apropriar-se ou não de algo (...), já que isso depende do dinheiro que possui (...)” (ROSDOLSKY, 2001, P. 138). As possibilidades de trocas aumentam exponencialmente para aqueles que além de estarem produzindo, possuam dinheiro entesourado em quantidade significativa. Como os processos são independentes, aqueles indivíduos que possuem maior poder de troca singular e individual, no caso quantidades de dinheiro, possuem maior capacidade de desenvolverem-se em ambos os momentos dos processos mercantis, podendo comprar sem antes vender, ou vender sem a necessidade de comprar, bem como nem vender e nem comprar.

O poder é individual, e quanto mais tal indivíduo se desenvolve, maior é sua autonomia perante o social, ao coletivo, ao universal, “já que tudo é alienável por

dinheiro” (ROSDOLSKY, 2001, P. 132). As consequências sociais que a consolidação do dinheiro enquanto equivalente-universal trouxeram, modificaram as estruturas das sociedades pré-capitalistas de forma bastante significativa, “o dinheiro, em sua terceira determinação – na medida em que ele mesmo não constitua a comunidade em torno de si, como ocorre na sociedade burguesa – deve levar necessariamente a desintegração das comunidades antigas, fundadas no valor de uso” (ROSDOLSKY, 2001, P. 139) e transformá-las em sociedades capitalistas, geridas única e exclusivamente pelo dinheiro. O dinheiro faz com que os valores de uso deixem de serem exclusivamente, meios para a sobrevivência do homem, mas sim como meio para o enriquecimento, “isso se sustenta porque multiplicar o valor de troca como tal converte-se em um fim em si” (ROSDOLSKY, 2001, P. 139). O dinheiro não é apenas um objeto, é o meio para o enriquecimento, é o desejo por poder, por autonomia e prosperidade – torna-se o motor móvel da ação humana.

O dinheiro, ao ser acumulado pelo produtor ou pelo detentor dos meios de produção, serve de substrato para momentos de crise, ou seja, se a atividade produtiva desenvolvida por esse produtor entrar em crise, ou sofrer os reflexos da macroeconomia, por exemplo, é possível que ele mude seu ramo de atividade ou simplesmente deixe de produzir – os ativos acumulados agregaram maior segurança e autonomia aos produtores/detentores dos meios de produção.

Esse movimento faz parte do cotidiano de uma pequena parte da sociedade capitalista, a grande maioria da população é aquela que vende sua força de trabalho ao empregador – detentor dos meios de produção. A grande maioria da sociedade sofre muito mais em momentos de crise, seus ativos representam unicamente o necessário para sua subsistência, não possuem o poder de mudar por vontade própria seu ramo de atividade e sofrem as imposições do meio no qual estão inseridos, ficarão a mercê do acaso, pois não lhe resta nada além de sua força produtiva de trabalho.

O dinheiro ao ser acumulado pelo capitalista abre inúmeras possibilidades de desdobramento das formas mercantis do capital. O dinheiro, por exemplo, passa a atuar como meio de pagamento imediato e posterior, “a segunda função em que o dinheiro aparece como forma absoluta do valor é sua função de meio de pagamento” (ROSDOLSKY, 2001, P. 140), sendo que novas relações são estabelecidas a partir disso, o que antes era uma troca direta entre produtores e suas mercadorias, pode agora ser uma troca de curto, médio ou longo prazo: “a relação entre credor e devedor ocupa o lugar da relação entre vendedor e comprador, e o próprio dinheiro adquire uma nova

determinação, como meio de pagamento” (ROSDOLSKY, 2001, P. 141), como prolongamento do ato de comercializar.

O prolongamento dos pagamentos, independente do período, possibilita ao credor que aperfeiçoe esse movimento com base em tais possibilidades, “o valor de troca adotou formas independentes em relação ao seu modo de existência como dinheiro, enquanto, por outro lado, seu modo de existência como dinheiro tornou-se definitivo o único adequado” (ROSDOLSKY, 2001, P. 141). O dinheiro se torna o meio universal de pagamento, se sobrepõe a qualquer outro tipo de relação mercantil, por mais que possa haver situações atípicas, tudo é mensurado a partir do dinheiro enquanto equivalente universal e abstrato, influenciando toda a cadeia produtiva: “a evolução do dinheiro em sua função de meio de pagamento mostra de forma especialmente clara como as formas de circulação influenciam, de volta, as relações de produção” (ROSDOLSKY, 2001, P. 143). A possibilidade de adquirir produtos com pagamento a prazo é algo que desvirtua a concretude da relação de troca, passa a ser algo abstrato que não gera nenhuma certeza para o vendedor. Os vendedores/produtores que atuam dessa maneira arriscam todo o desenvolvimento da cadeia produtiva na qual estão inseridos, pois, em caso de não efetivação dos pagamentos, as possibilidades de produzir novamente se reduzem gradativamente.

A expansão das relações mercantis, a evolução da troca direta para a troca condicionada com base no dinheiro – algo abstrato, expande as relações mercantis a níveis universais, o dinheiro passa a existir enquanto moeda mundial – comum a todos, porém, compreender o dinheiro e as relações estabelecidas a partir de suas determinações é algo extremamente complexo.

(...), pois nele uma relação social – um vínculo entre indivíduos – aparece como metal, como coisa, como objeto corpóreo, que existe à margem desses indivíduos e que se encontra na natureza; não se pode discernir nele nenhuma determinação formal que decorra de seu estado natural. (...) nada nele mostra que a determinação de ser dinheiro resulta do processo social (ROSDOLSKY, 2001, P. 146).

Nesse sentido, é possível analisarmos as relações sociais capitalistas como relações despossuídas de vínculos diretos e objetivos, relações que se estabelecem previamente com um fim – a aquisição de dinheiro. O dinheiro passa a ser o motor móvel da sociedade capitalista que tem como fim a acumulação infinita de mais dinheiro, mais capital e por consequência a aquisição de mais poder.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos no início de nossa pesquisa que um dos objetivos de Marx ao desenvolver a obra *O Capital* era de demonstrar a realidade do sistema capitalista a partir de como tal sistema realmente estava estruturado. Isso através das manifestações do capital, mesmo de suas estruturas mais simples. Tudo isso para demonstrar o seu modo perverso de funcionamento. O que fica evidente é que a sua análise do capital e do sistema capitalista é passível de aplicação em qualquer sociedade que se sustente através da produção e consumo mercadorias. O que torna sua obra atemporal e extremamente contemporânea. Isso porque a filosofia ali produzida é de caráter puramente abstrato. É consenso que o contexto histórico no qual *O Capital* é produzido influencia drasticamente o pensamento de Marx, entretanto, não é significativo em suas releituras em outras conjunturas sociais.

Em seguida, apresentamos o conceito de mercado, o qual possui íntima relação com o desenvolvimento histórico do indivíduo, isso no viés das relações sociais, o que envolve necessariamente a necessidade e capacidade de prover suas necessidades fundamentais para que sobreviva. Isso é de fundamental importância, uma vez que as formas pelas quais as sociedades se formatam não altera o fato de que o homem, necessariamente, precisará criar formas para garantir sua subsistência. O que muda essencialmente das sociedades amparadas no modo de produção capitalista para as demais é a transformação daquilo que é produzido em mercadoria. Ou seja, o homem nas sociedades capitalistas não produz apenas para seu sustento, mas para o acúmulo de riquezas.

Em Marx a mercadoria é caracterizada como um objeto externo, algo que, por meio de suas propriedades, satisfaz as mais variadas necessidades e desejos humanos. Contudo, nem todas as necessidades humanas estão diretamente ligadas com a subsistência, muitas estão ligadas à caprichos e a desejos que nada tem a ver com a existência biológica do homem. Tais necessidades estão consideravelmente ligadas a subjetividade de cada indivíduo, com suas carências emocionais, psicológicas e estéticas, por exemplo: livros, obras de arte, moda, etc. De fato, isso explica a imensidade e diversidade de mercadorias disponíveis para o consumo no mercado. Por essa razão destacamos que as mercadorias aparecem no mercado nas mais diversas formas, já que são produzidas para suprir as mais diversas carências que o espírito/mente humana possa ter.

Toda mercadoria possui dois polos indissociáveis: valor de uso e valor de troca. Para compreender o primeiro, Marx deixa em segundo plano a realidade concreta e as peculiaridades de cada mercadoria. O valor de uso representa o caráter qualitativo da mercadoria. Por sua vez, o segundo, o valor de troca, refere-se ao caráter quantitativo da mercadoria quando da relação de duas ou mais mercadorias. Sendo que tal relação é efetuada por agentes livres. No processo de troca, as mais diversas formas em que as mercadorias se apresentam não são tão relevantes quando o trabalho despendido para a produção da mercadoria. Em suma, os valores de uso das mercadorias são equiparados quantitativamente segundo o trabalho humano abstrato necessário para a produção das mesmas, o resultado dessa equiparação é o valor de troca.

O trabalho realizado para a produção de mercadoria é marcado por duas características primordiais: trabalho concreto, que produz o valor de uso, e trabalho abstrato, quantificador do valor de troca. Essa conceituação do trabalho é característica das sociedades capitalistas. Assim o sendo, a divisão social do trabalho se dá pelas necessidades dos indivíduos constituintes do corpo social. Não obstante, a imensa diversidade de trabalhos concretos e úteis não é de fácil mensuração. Mostramos que, para Marx, é preciso demonstrar como essa diversidade se apresenta no mercado. Sendo que, independente do grau de habilidade para a realização do trabalho, através do caráter abstrato, tudo passar a ser reduzido à um denominador comum e universal.

Outra característica importante é fato de que o Valor atribuído a uma mercadoria somente se efetiva no processo de troca, já que a própria ideia de valor de troca inclui o valor como base fundamental. Mas para que isso aconteça, é preciso que os agentes de mercado considerem e efetivem a sua utilidade, do contrário, todo o trabalho humano despendido na produção da mercadoria será completamente inútil e irrelevante.

Mostramos que em Marx o valor de uma mercadoria é obtido a partir de seus componentes sensíveis, uma vez que ele é uma relação social. No entanto, essas relações sociais são impossíveis de serem mensuradas, uma vez que a ideia de valor não possui nenhuma característica concreta que possa ser quantificada. Por isso mesmo é preciso que haja uma interação social, uma confrontação de mercadorias distintas, para que possa se inferir o valor (forma dinheiro) da mercadoria. Assim, surgem as ideias de valor relativo e equivalente, sendo dessa dualidade que surge a forma dinheiro. A forma relativa da mercadoria é de simples entendimento, uma vez que suas propriedades são completamente aparentes. Ao contrário, a forma equivalente da mercadoria é um pouco

mais complicada de ser entendida, pois é complicado conceber como uma mercadoria pode ser suporte material do valor de outra mercadoria.

Concluimos também que a relação simples de mercadorias não é suficiente a ideia de valor no processo mercantil. É pela compreensão da equivalência entre mercadorias na relação de troca que é possível entender o valor enquanto sua forma dinheiro. Sendo que, quanto mais a mercadoria se relaciona com outras mercadorias, mais fácil de conceber o seu valor. O que Marx faz é apresentar a ideia de valor na relação simples entre mercadorias. De modo que o enigma da forma dinheiro se apresenta na forma mais simples de troca entre mercadorias. Por isso que uma mercadoria deve se relacionar com a diversidade de produtos, isso é o que garante a sua existência.

Desse modo, as relações sociais são compreendidas não mais de forma direta, objetivas e concretas, uma vez que passam a ser entendidas pela forma dinheiro, a qual passa a ser o fio condutor das relações sociais. Assim, mostramos que, para Marx, é o desenvolvimento das mercadorias na esfera social que formam a base para o modo de produção capitalista. Sendo sua presença indispensável para o pleno funcionamento das sociedades guiadas pela produção de capital. Nesses conjuntos sociais as mercadorias passam a suprir não somente as necessidades básicas de subsistência do homem, mas também os desejos e as carências, o que torna-se indispensável para o bem-estar do homem envolto nessa conjuntura.

Em seguida, mostramos o desenvolvimento mercantil focando na relação de troca, a qual adquire caracteres cada vez mais sociais tornando-se independentes de seus produtores, ou seja, de sua realidade concreta. O que fica evidente é que a troca passa a ter como substrato apenas o trabalho despendido para a produção da mercadoria. Isto é, o trabalho passa a ser o medidor do valor entre as mercadorias disponíveis no mercado. O que Marx objetiva com isso é mostrar que a ideia de um valor de uso universal e abstrato também é recorrente no trabalho concreto que produz as mercadorias.

Em essência, o trabalho despendido pelo produtor da mercadoria é subdividido por Marx em duas categorias: trabalho concreto e trabalho abstrato. O primeiro é entendido como a própria atividade humana para a produção da mercadoria. Enquanto que, o trabalho abstrato é de caráter universal e, por isso mesmo, unidade de medida para a quantificação das mercadorias no processo de troca.

Por sua vez, a forma-dinheiro, pressupondo-a em graus mais evoluídos, ou seja, já consolidada no processo de troca, mostra que o mercado adquire uma autonomia que

supera os estágios anteriores daquilo que garante a existência do processo de troca. Todos os elementos concretos e agentes não mais são levados em conta quando da consolidação da forma-dinheiro. O dinheiro pode ser entendido como equivalente universal, o que para Marx não é evidente apenas de suas formas aparentes. O que é um contrassenso para Marx, uma vez que, para compreendê-lo de forma satisfatória é preciso analisá-lo desde sua gênese. Por isso mesmo a forma-dinheiro é inferida na obra marxiana como enigmática.

Mostramos que um dos objetivos centrais de Marx foi de mostrar que o modo de funcionamento do sistema capitalista é ofuscado pelo seu próprio movimento de construção do valor. Quanto mais complexas são suas características, mais abstrato o sistema se torna. Por isso que a realidade é tomada como uma dualidade: essência e aparência. Essa universalidade é de suma importância para o funcionamento do sistema. Uma vez que toda mercadoria passa a ter a possibilidade de se relacionar com qualquer outra mercadoria. Já que é a grandeza do valor inferido à uma mercadoria passa a regular as ações de troca.

Em essência, a forma-dinheiro passa a gerir o sistema como um todo, condicionando todas as formas de interação no mercado e ignorando os processos que possibilitam a própria existência do mercado. Mostramos que isso acontece porque a forma-dinheiro passa a exercer a função de equivalente universal. Com esse movimento, o dinheiro passa a atuar autonomamente. Sendo por isso que algumas mercadorias passam a se destacar mais do que outras, algo consequente do processo social de consolidação do sistema capitalista.

Com isso, tudo o que antecede o momento de troca no mercado é deixado de lado. Trata-se da aparência se sobrepondo a essência, um contrassenso para Marx. Já que ele entende que a relação entre as coisas, em sua visão, deve ser material e social, não o seu contrário.

Por fim, procuramos mostrar que o dinheiro sobrepõe-se ao valor de uso das mercadorias. Já que a produção deixa de ser pautada unicamente pelas necessidades humanas – quando o sistema mercantil consolida-se, o principal objetivo do produtor passa a ser a acumulação de riquezas e não mais sua própria subsistência. O dinheiro deixa de ser um objeto e torna-se um meio para o enriquecimento, o qual é norteado pela obtenção de poder.

Em consequência desse movimento, ou seja, a passagem da troca direta para a troca guiada pela forma-dinheiro, obtemos a maior evidência de que o sistema

capitalista atingiu seu mais pleno desenvolvimento. Sendo por essa relação que as relações sociais dentro do sistema capitalista não possuem laços diretos e objetivos, já que se estabelecem com um fim pré-definido: o enriquecimento através da obtenção de dinheiro. Isso demonstra que o dinheiro passa a ser o principal fator de mobilidade para a sociedade capitalista. A qual tem por fim último a acumulação infinita de riquezas e a consequente obtenção de poder.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Jadir. **Da possibilidade à realidade - O desenvolvimento dialético das crises em O Capital de Marx**. 2005. Tese de doutorado em filosofia – IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, Campinas/SP.

_____. **O fetiche em O Capital de Marx**. Publicado como capítulo de livro In: José Luiz Ames; Luiz Cezar Yanzer Portela. (Org.). Estudos de Ética e Filosofia Política. V. 1, pp. 213-230. Editora da Unioeste. Cascavel, 2006.

_____. **A dialética do valor em O Capital de Karl Marx**. Porto Alegre, 2012. Disponível em: [HTTPS://jadirantunes.files.wordpress.com/2014/12/a-dialc3a9tica-do-valor-em-marx.pdf](https://jadirantunes.files.wordpress.com/2014/12/a-dialc3a9tica-do-valor-em-marx.pdf). Acessado em: 20/11/2016

ANTUNES e BENOIT, Jadir e Hector. **O conceito dialético de crise em O Capital de Marx**. São Paulo: Editora Thyke, 2009.

_____. **O movimento dialético do conceito de crise em O Capital de Karl Marx**. Paco Editorial. Jundiá – São Paulo, 2016.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Tradução de Waltensir Dutra. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 2013.

BRUSCHI, MUZZUPAPPA, NUSS, STECKNER e STÜTZLE, Valeria, Antonella, Sabine, Anne e Ingo. **Mais Marx – Material de apoio à leitura d’O Capital Livro I**. Tradução de Luiz Mariano de Campos. Boitempo Editorial. São Paulo, 2016.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. **A importância da categoria Valor de Uso na teoria de Marx**. São Paulo: Pesquisa & Debate, 1998.

CARCANHOLO, Reinaldo Antônio. **Elementos básicos da teoria marxista do valor**. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/934139/mod_resource/content/1/elementos%20b%20C3%A1sicos2.pdf. Acessado 27/07/2017.

DENIS, Colin. **Compreender Marx** - Coleção Compreender. Editora Vozes. Brasil, 2008.

FERNANDES, Claudio. **Revolução Industrial**. Disponível em: <http://historiadomundo.uol.com.br/idade-moderna/revolucao-industrial.htm>. Acessado em 08/08/2017

FAUSTO, Ruy. **Dialética Marxista, Dialética Hegeliana** – A produção capitalista como circulação simples. Editora Brasiliense. São Paulo, 1997.

GRESPLAN, Jorge. **Marx, crítico da Teoria Clássica do Valor**. In: Revista Crítica Marxista, número 12. São Paulo: Editora Revan, 2000.

HARVEY, David. **Para entender O Capital: Livro I**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **O capital: Crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. Tradução de Maria Helena Barreiro Alves. 2º ed. São Paulo, Martins Fontes, 1983.

_____. **Grundrisse: Manuscritos econômicos de 1857-1858: Esboços da crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. Boitempo Editorial, São Paulo, 2004.

_____. **Para a Crítica da Economia Política**. Tradução de Edgard Malagodi. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo, 2016.

MOURA, Mauro Castelo Branco de. **Os mercadores, o templo e a filosofia** – Marx e a religiosidade. Editora Edipucrs, Porto Alegre, 2004.

NETTO, José Paulo. **Curso livre Marx e Engels** – A criação destruidora. Boitempo Editorial e Carta Maior, São Paulo, 2015.

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de O Capital de Karl Marx**. Tradução César Benjamim Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SMITH e RICARDO, Adam e David. **Volume XXVIII** - Coleção Os Pensadores. Editora Abril, São Paulo, 1974.